Revista Libertas

Belo Horizonte, 1º trimestre de 2025 – Edição Nº 34

Academia Mineira Maçônica de Letras

A.M.M.L.

Academia Mineira Maçônica de Letras

A Casa de Tiradentes

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Rua da Bahia, 570 - 5º andar - Centro - CEP. 30160-015 - Belo Horizonte - Minas Gerais
E-mail: ammlacasadetiradentes@gmail.com

EXPEDIENTE

REVISTA ELETRÔNICA

"LIBERTAS"

Membros Efetivos
Abelardo Ribeiro de Novaes Filho
Afonso Barros Machado
Antônio José da Silva
Antônio Pedro Ragazzi
Celso Sérgio Ferreira
Cléscio César Galvão
Clóvis Mário de Oliveira
Dálcio Antônio Cardoso
Décio de Abreu e Silva
Edilson de Oliveira
Elias Mansur Neto
Emanuel Torres Breyner
Ênio Carvalho
Fabiano Franca Loureiro
Flávio Antônio Silva Augusto
Geraldo Eustáquio de Freitas
Geraldo Gomes Mendes
Itagiba Velloso do Valle
Itamaury Teles de Oliveira
Janir Adir Moreira
João Baptista Bellavinha
José Alberto Pinto de Sá
José Airton de Carvalho
José Amâncio de Lima
José Anísio Moura
José Carlos Serufo
José Luiz Ribeiro de Melo
José Raimundo Barnabé
Josemar Otaviano Alvarenga
Luiz Marcelo Viegas da Silva
Márcio dos Santos Gomes
Marcos Paulo de S. Miranda
Merivaldo Ferreira Damacena
Paulo Duarte Pereira
Ronaldo Bretas de Carvalho Dias
Sebastião Cardoso
Sérgio Quirino Guimarães
Wagner Colombarolli
Wormes Israel Ferreira

Beneméritos
Antenor Rodrigues Barbosa Júnior
Antônio José dos Santos
Carlos Alberto Carvalhaes
Helion Victor Antunes
João Alberto de Carvalho
José Maurício Guimarães
José Monteiro da Silva
Rosemiro Pereira Leal

Acadêmico Correspondente
José Passos de Carvalho

Conselho Editorial
Geraldo Gomes Mendes
Itamaury Teles de Oliveira
José Airton de Carvalho
José Alberto Pinto de Sá
José Luiz Ribeiro de Melo
Márcio dos Santos Gomes

Editor
José Alberto Pinto de Sá

Diagramação
Daniel Luiz da Silva

Ilustração
José Airton de Carvalho

Revisão
Márcio dos Santos Gomes

Fundadores
Abimael de Sousa Garcia
Acácio Paulino de Paiva
Arnaldo Xavier
Celso Sérgio Ferreira
Felisbino Cassimiro Ribeiro
Frederico Camelier
Heráclides Leite Ferreira
Hipólito Sérgio Ferreira
João Alberto de Carvalho
Jorge Lasmar
Norman José de A. Junho
Onéas D'Assumpção Corrêa
Paulo Duarte Pereira
Pedro Campos de Miranda
Randolfo Diniz Filho
Reinaldo Bustamante
Rosemiro Pereira Leal
Sebastião Cardoso

"As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial".

Presidentes Eméritos
Felisbino Cassimiro Ribeiro
Jorge Lasmar
Abimael de Sousa Garcia
Geraldo Gomes Mendes
Paulo Duarte Pereira
Sebastião Cardoso
Dálcio Antônio Cardoso
José Alberto Pinto de Sá

Presidente de Honra
Celso Sérgio Ferreira

A M M L
fundada em 30 de Março de 1993

GESTÃO 2023/2025

Administração Compartilhada

Presidente:
José Luiz Ribeiro de Melo

Vice Presidente:
Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas

Orador:
Paulo Duarte Pereira

Secretário Geral:
José Alberto Pinto de Sá

Secretário Geral Adjunto:
Merivaldo Ferreira Damascena

Diretor Tesoureiro:
Afonso Barros Machado

Diretor Tesoureiro Adjunto:
Abelardo Ribeiro de Moraes Filho

Diretor de Biblioteca:
José Raimundo Barnabé

Conselho Fiscal:
Titulares:
Clóvis Mário de Oliveira
Décio de Abreu e Silva
Itagiba Velloso do Valle
Suplentes:
Antônio José da Silva
Emanuel Torres Breyner
Ronaldo Bretas de Carvalho Dias

Conselho Superior:
Presidente: **José Alberto Pinto de Sá**
Membros: Dálcio Antônio Cardoso
Sebastião Cardoso
Paulo Duarte Pereira
Geraldo Gomes Mendes

Comissão de Admissão e Exclusão de Associados:
Presidente: Wagner Colombarolli
José Amâncio de Lima
Márcio dos Santos Gomes

Comissão de Relações Públicas:
Presidente: Geraldo E. Coelho de Freitas
Membros: Geraldo Gomes Mendes
José Alberto Pinto de Sá
Paulo Duarte Pereira

Comissão de Sindicância:
Presidente: Wormes Israel Ferreira
Membros: Emanuel Torres Breiner
Itagiba Velloso do Valle
José Anísio de Moura
Marcos Paulo de Souza Miranda

Mestre de Cerimônias:
José Raimundo Barnabé

Declarada de Utilidade Pública Estadual
Lei nº 24.353, de 14 de junho de 2023

ÍNDICE

PANTEÃO DOS IMORTAIS — PÁGINA 05

EDITORIAL — PÁGINA 06

PALAVRA DO PRESIDENTE
José Luiz Ribeiro de Melo — PÁGINA 07

SAUDAÇÃO À BANDEIRA
José Alberto Pinto de Sá — PÁGINA 09

ENTRONIZAÇÃO DA BANDEIRA
José Alberto Pinto de Sá — PÁGINA 10

CAUSOS DE MINAS - CHORO E RANGER DE DENTES
Itamaury Teles de Oliveira — PÁGINA 11

ELOGIO AO PATRONO JOSÉ RESENDE DA COSTA FILHO
Ênio Carvalho — PÁGINA 13

PADRE CARLOS CORREIA DE TOLEDO E MELO
Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas — PÁGINA 23

PANEGÍRICO À PATRONA DA CADEIRA Nº 23 DA AMML MARIA DOROTHEIA JOAQUINA DE SEIXAS
Edilson de Oliveira — PÁGINA 35

ÍNDICE

UMA CADEIRA PARA BÁRBARA: EM DEFESA DE UMA PATRONESSE

Merivaldo Ferreira Damacena **PÁGINA 54**

INCONFIDÊNCIA E LIBERDADE

José Alberto Pinto de Sá **PÁGINA 68**

PROCURA-SE UMA LOJA GOSTOSA NA MAÇONARIA

Márcio dos Santos Gomes **PÁGINA 70**

MAÇONARIA E O EPÍTETO DE RELIGIÃO

Aroldo de Albuquerque vergara **PÁGINA 74**

NOTÍCIAS EM DESTAQUE

PÁGINA 92

Academia Mineira Maçônica de Letras

A.M.M.L.

Belo Horizonte 1º trimestre de 2025 - Edição nº 34

PANTEÃO DOS IMORTAIS

Homenagem aos acadêmicos, homens que honraram e dignificaram com o seu trabalho, dedicação e inteligência, a Academia Mineira Maçônica de Letras

ABIMAEL DE SOUSA GARCIA
ACÁCIO PAULINO DE PAIVA
ADILSON SAVI
ALMIR BASTOS MARRA
ÁLVARO ENÉAS RIBEIRO FALCÃO DE ALMEIDA
ALUIZIO HENRIQUE DE ANDRADE MACHADO
ANTÔNIO PEDRO NOLASCO
ARNALDO XAVIER
ATHOS VIEIRA DE ANDRADE

CALIL JORGE SALLUM
CARLOS ALBERTO MARTINS DA SILVA
CELSO FALABELLA DE FIGUEIREDO CASTRO
CLEBER ANDRADE
EURÍPEDES SANTOS ZUMPANO
FELISBINO CASSIMIRO RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ PEREIRA
FREDERICO CAMELIER
GERSON FERREIRA DE LIMA

HERÁCLIDES LEITE FERREIRA
HIROHITO TORRES LAGE
HIPóLITO SÉRGIO FERREIRA
JAYRO BOY DE VASCONCELOS
JORGE LASMAR
JOSÉ LOURENÇO DE CASTRO
NORMAN JOSÉ DE ANDRADE GIUGNI
ONÉAS D'ASSUMPÇÃO CORRÊA
PEDRO CAMPOS DE MIRANDA

RANDOLFO DINIZ FILHO
REINALDO BUSTAMANTE
SYLAS AGOSTINHO FERREIRA
WALKIR BASTOS MARRA
WILER EUSTÁQUIO PIRES VIDIGAL

EDITORIAL

Acadêmico: José Alberto Pinto de Sá

Presidente Emérito

Cadeira Nº 36

Patrono: Antônio Ribeiro Avelar

Nesta primeira edição do ano de 2025, as primeiras palavras são de agradecimento e de parabéns ao presidente José Luiz Ribeiro de Melo que durante os últimos dois anos liderou esta Academia com o melhor de sua inteligência a serviço da cultura maçônica, dando continuidade com absoluto êxito o trabalho desenvolvido pelos seus antecessores.

Mas, não é menos importante ressaltar o valor conceitual da *Libertas* no contexto dos excelentes trabalhos publicados desde a sua primeira edição na administração do presidente Sebastião Cardoso e a importância dos acadêmicos e de tantos colaboradores que enriqueceram suas páginas com o brilho dos seus trabalhos.

No entanto, ainda nos falta encontrar uma maneira mais eficaz de divulgar a revista além dos grupos de cada um dos membros da Academia, de forma a alcançar plenamente os objetivos propostos para que a cultura maçônica seja conhecida por toda a sociedade.

Nesta edição chama a atenção dos leitores a publicação dos panegíricos apresentados pelos acadêmicos em defesa dos patronos de suas cadeiras e, em destaque, as palestras temáticas com que nos brindaram os ilustres palestrantes, todas elas de importância fundamental para o pleno conhecimento da história pátria.

Para finalizar, saudamos os acadêmicos Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas e Wagner Colombarolli pela assunção aos cargos de Presidente e Vice-Presidente desta Academia, augurando-lhes pleno sucesso no mandato que se inicia, certos de que a unanimidade da escolha representa a confiança do quadro associativo ao trabalho a ser desenvolvido ao longo dos próximos dois anos.

PALAVRA DO PRESIDENTE

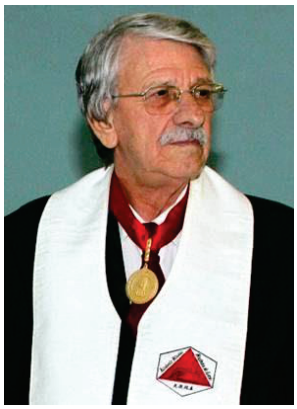
Acadêmico: José Luiz Ribeiro de Melo

Cadeira nº 24

Patrono: Padre José da Silva de Oliveira Rolim

MISSÃO CUMPRIDA

Nesta primeira terça-feira do mês de abril presidi a sessão de eleição e posse da nova diretoria da Academia para o biênio 2025/2027, tendo sido eleitos por aclamação o confrade Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas, para Presidente, e o confrade Wagner Colombarolli, para Vice-Presidente, dois excelentes e dedicados membros deste sodalício que, seguramente, hão de conduzir os destinos de nossa Academia com a competência que lhes é peculiar.



Ao longo do mandato procuramos imprimir ao nosso trabalho as mesmas diretrizes dos presidentes que nos antecederam e, de forma objetiva, congregar os esforços de todos em torno do bem comum da Academia, com destaque para dar a cada um dos associados a mesma oportunidade de se fazerem representar no contexto do trabalho em prol da divulgação da cultura maçônica.

No momento em que passamos o cargo para nosso sucessor, confrade Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas, pedimos licença aos leitores que prestigiam as variadas matérias publicadas pelos nossos acadêmicos e outros colaboradores de mesma cepa para ressaltar algumas ações empreendidas que buscaram, antes de qualquer outra intenção, cumprir com fidelidade os objetivos traçados para a Academia, principalmente, quanto a apresentação de todos os panegíricos aos patronos das cadeiras que compõem o colegiado deste sodalício.

Em destaque, também, a iniciativa pioneira de aprovar os nomes de Bárbara Eliodora Guilhermina Silveira e Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, patronas das cadeiras 19 e 23, e a criação de duas novas cadeiras para homenagear Hipólita Jacinta Teixeira de Melo e o advogado dos inconfidentes José de Oliveira Fagundes, passo inicial para a ampliação do colegiado para reverenciar os “artífices da independência”.

PALAVRA DO PRESIDENTE

Outros fatos marcantes foram a abertura da Arca do Tempo com os trabalhos dos acadêmicos escritos há 10 anos e matéria para a edição do terceiro volume do livro “A verdade dos Inconfidentes”; a reinauguração da Biblioteca “Abimael de Souza Garcia”, com um acervo mais de 200 obras; a reinauguração da Galeria dos Presidentes Eméritos e da exposição dos agraciamentos recebidos pela Academia, em destaque a Medalha Santos Dumont e a Grande Medalha da Inconfidência Mineira, entre outros, como também o aparelhamento da Secretaria e a participação da Academia na fundação da Academia de Letras, História e Genealogia da Inconfidência Mineira.

Muito obrigado a todos que colaboraram com o nosso trabalho e podermos dizer, nesta mensagem de despedida: missão cumprida!

SAUDAÇÃO À BANDEIRA

GLORIOSO PAVILHÃO NACIONAL (*)

Acadêmico: José Alberto Pinto de Sá

Presidente Emérito

Cadeira Nº 36

Patrono: Antônio Ribeiro Avelar

Hoje, nos reunimos aqui neste templo consagrado à cultura maçônica e temos conosco o sentimento patriótico por ti, símbolo augusto da nossa Pátria.

Neste momento, passamos de relance a história do Brasil e vemos a Tua grandeza tremulando nos campos de batalha, altaneira e firme, ditando os destinos da nossa nação.

Quantas foram as tuas formas, de quantos matizes se constituíram as tuas cores, quantos foram os teus filhos que, em tua honra, derramaram o seu sangue e fizeram a tua história!

Não importa. Tu és a vida!

No mundo atribulado que vivemos, talvez a tua imagem esteja esquecida, mas frente ao povo desta grande nação, és a mais importante das tradições brasileiras e representas o símbolo de nossa cidadania e a nossa vocação pela liberdade.

A liberdade dos inconfidentes, o sonho de independência de Gonçalves Ledo, a realidade da República de Deodoro, em todos os momentos da história do Brasil, tu estás presente.

Às vezes, em teu nome, praticam-se injustiças e iniquidades, cometem-se arbitrariedades, escondem-se por de trás do teu lema outros sentimentos que não se coadunam com teu destino.

Mas, a tudo tu superas e continuas a mostrar a tua força, o grande significado da tua existência e representatividade.

Tu representas a unidade nacional, as três raças do nosso povo, a língua uniforme dos nossos cidadãos, a cruz do ecumenismo religioso e o imenso amor fraternal de nossos irmãos.

Tu és a vigilância de nossas fronteiras, o nascer do sol no oriente e a paz duradoura entre a família brasileira.

Tu és tudo, a lei, a ordem e a democracia; representas o rico e o pobre, o poder, a misericórdia, o bem a justiça.

Em sendo uma, tu és a nação brasileira e aqui nos congregamos para prestar-te obediência, fidelidade e amor eterno.

Recebas bandeira brasileira, lábaro estrelado do nosso chão, nossas homenagens, ditadas pelo coração e orgulho de tê-la como amante e o corpo coberto pelo teu manto.

***Publicado no 2º volume do livro "A verdade dos Inconfidentes" e reapresentada na sessão plenária da Academia do dia 11 de março de 2025.**

ENTRONIZAÇÃO DA BANDEIRA

Acadêmico: José Alberto Pinto de Sá

Presidente Emérito

Cadeira Nº 36

Patrono: Antônio Ribeiro Avelar

Ordem e Progresso!

O Amor por princípio,

A Ordem por base,

O progresso por fim.

Auguste Comte

Na Praça dos Três Poderes, em Brasília, no primeiro domingo de cada mês, a Bandeira do Brasil, rota e despedaçada pelas intempéries, é substituída solenemente com o arriamento e o hasteamento de um novo manto sagrado sob uma salva de 21 tiros de canhão e o canto respeitoso do hino nacional.

Esta noite, mesmo sem as honras e a pompa de Brasília, mas com veneração ao mais importante símbolo nacional, nos despedimos da velha bandeira que por décadas esteve presente às nossas reuniões, e com o respeito de sempre entronizamos neste recinto uma bandeira rejuvenescida pela nossa esperança e o fervor do nosso sentimento patriótico, fieis aos ideais dos nossos fundadores.

Saudemos, todos, com uma salva de palmas, o símbolo da nossa Pátria e renovemos o nosso voto de amor e devoção ao manto que cobre com sua altivez e protege o povo brasileiro.

CAUSOS DE MINAS

Choro e ranger de dentes

Acadêmico: Itamaury Teles de Oliveira (*)

Cadeira nº 07

Patrono: Salvador Carvalho do Amaral Gurgel

Vicente era um solteirão decidido. Consta que já fora casado e separou-se da mulher, por quem era apaixonado. Conceituado técnico em contabilidade, morava sozinho no Hotel Lírio, de Dona Caru, em Porteirinha. Era cliente fazia tempo e, em razão disso, tinha certa mordomia: o melhor quarto do hotel, equipado com cama de casal, pois tinha porte avantajado.

Gostava muito de ler e de beber, sempre sozinho, nos bares da cidade. Ficava horas e horas ali, mergulhado nas histórias dos livros de bolso e nas generosas doses de “Cuba libre”.

Vicente era muito cortês. Até fechava o livro que lia, quando algum amigo o abordava para uma prosa, não sem antes marcar a página, dobrando o canto.

Um dia, estando no Bar do Zema, em seu costumeiro “happy hour”, recebera recado da Dona Caru, que queria falar-lhe com urgência. Terminou de sorver a dose que bebia e dirigiu-se ao Hotel. Lá chegando, notou certa movimentação de pessoas em torno de uma Rural vermelha, placa de Espinosa. Ali também estava Dona Caru, toda prestativa, conversando com um jovem casal. Vicente já chegou querendo se inteirar da conversa:

- E aí, Dona Caru, qual é o problema?

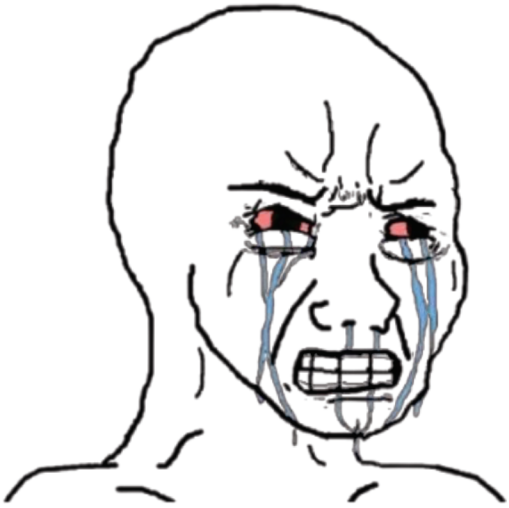
- É o seguinte, Vicente. Este casal está em lua-de-mel e o carro deles teve um problema na parte elétrica e não pode seguir viagem.

- Ué, Dona Caru, mas eu não sou mecânico. Bom mesmo na parte elétrica é o “Pequi”. Meu negócio são os números...

- Eu sei disso, Vicente. O problema é que o único quarto com cama de casal é o seu. Será que você não se importa em ceder o quarto somente esta noite? Eu te arranjo outro, muito bom, só que com cama de solteiro, bem ao lado do seu. Que você acha?

- Ué, Dona Caru, um pedido da senhora é uma ordem.

Mas Vicentão, embora solícito de fato, gostara mesmo foi daquela posição estratégica que a dona do hotel lhe oferecia. Bem ao lado do quarto do casal em lua-de-mel. Sabia que os quartos do hotel, não sendo forrados, pouca privacidade oferecia a seus ocupantes.



E naquela noite, mesmo não sendo o seu costume habitual, Vicentão tratou logo de ocupar o quartinho ao lado do seu. E, por volta das 8 da noite, já estava deitado, de porta trancada.

Praticamente não dormiu, pois do quarto ao lado só se ouvia "choro e ranger de dentes". Eram "ais" e mais "ais". Vicentão ficou doido com aqueles sons e deu asas à imaginação. Excitado, colocou em prática os sábios ensinamentos do "Manual do Sexo Manual", ao longo de toda a noite...

Na manhã seguinte, Vicentão apareceu para o café com profundas olheiras e bastante abatido. Dona Caru se acerca, dá bom dia a ele e pergunta se passou bem a noite.

- Quem é que dorme com um casal em plena lua-de-mel ao lado, Dona Caru?

- Desculpe, Vicente. Você foi dormir cedo ontem e não quis te acordar. É que o Morotó achou Ferreirinha, o mecânico, e ele consertou o carro ainda ontem de noite. Era só um fusível queimado.

- Ué, Dona Caru, e aquela gemeção louca no quarto, era de quem?

- Era de um moço que chegou ontem à noite, vindo de Serranópólis. Não havia vaga no hospital e ele hospedou-se aqui. Coitado, estava com a perna quebrada...

(*) Escritor e jornalista

ELOGIO AO PATRONO JOSÉ RESENDE DA COSTA FILHO

Acadêmico: Ênio Carvalho

Cadeira nº 21

Patrono: José Resende da Costa Filho

Defender o legado e a importância histórica de *José Resende da Costa Filho* dentro do movimento da Inconfidência Mineira requer uma análise que destaque tanto sua participação ativa no movimento quanto o impacto de suas ações e ideais na luta pela liberdade e independência do Brasil.

I - ***Contextualização histórica***

No final do século XVIII, o clima político no Brasil e no mundo era profundamente influenciado por tensões relacionadas à opressão colonial, aos movimentos de independência e às transformações causadas pelas ideias iluministas.

Opressão Colonial e Carga Tributária - No Brasil, especificamente em Minas Gerais, a opressão colonial exercida por Portugal estava em seu auge. A coroa portuguesa impunha pesados impostos sobre a extração de ouro e outros produtos, como o famoso "quinto" (20% da produção de ouro). A exploração exagerada dos recursos e a repressão econômica, combinada com a corrupção administrativa, causava grande insatisfação entre a elite colonial. A derrama (cobrança forçada de impostos atrasados) era uma prática temida e potencialmente devastadora para os colonos, especialmente os mais abastados.

Influência das Ideias Iluministas - Na Europa, especialmente na França, as ideias iluministas estavam ganhando força, promovendo valores como liberdade, igualdade e fraternidade. Essas ideias inspiravam questionamentos sobre o absolutismo monárquico, os direitos divinos dos reis e a legitimidade do poder opressor. Os inconfidentes mineiros, particularmente membros mais letrados e influentes, estavam em contato com essas novas ideias, que chegaram ao Brasil por meio de livros, conversas com

estrangeiros e relatos de movimentos revolucionários como a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789).

Movimentos de Independência e Revolução - Os sucessos da Revolução Americana e os ideais revolucionários que começavam a se espalhar pela Europa mostravam que a independência de potências coloniais era possível. Esses eventos alimentaram o desejo de liberdade nas colônias da América Latina. No Brasil, a Inconfidência Mineira (1789) foi uma expressão clara desse desejo de autonomia. Os líderes do movimento, influenciados pelo Iluminismo e pela independência americana, queriam libertar a região do domínio português e criar uma república.

Contradições Sociais - Apesar da busca pela liberdade, a sociedade brasileira era profundamente desigual. A escravidão era uma realidade brutal que sustentava a economia colonial. Os inconfidentes, em sua maioria membros da elite, tinham seus próprios interesses econômicos e políticos, e nem sempre a ideia de liberdade abrangia todos os habitantes, especialmente os escravizados. Ainda assim, o movimento refletia a insatisfação generalizada com a dominação colonial.

Repressão e Medo de Insurreições - O governo português estava profundamente preocupado com o aumento dos sentimentos revolucionários nas colônias e com o potencial de insurreições. A repressão aos movimentos de independência era severa. Após a descoberta da Inconfidência Mineira, os líderes foram presos, torturados e alguns foram condenados à morte, como Tiradentes, que se tornou um mártir do movimento. A repressão serviu como uma advertência aos colonos de que Portugal não toleraria movimentos separatistas.

II - Clima Político Global - Final do Século XVIII

Revolução Americana (1776) - A independência dos Estados Unidos marcou o início de uma era de revoluções anticoloniais e movimentos por autodeterminação. O sucesso dos americanos inspirou colônias em todo o mundo a questionarem o domínio imperial, inclusive no Brasil. O ideal de autodeterminação e governo representativo passou a ser um modelo aspiracional.

Revolução Francesa (1789) - A Revolução Francesa, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, foi uma grande força transformadora. A queda da monarquia francesa e a ascensão dos direitos dos cidadãos inspiraram movimentos em toda a Europa e nas Américas, contribuindo para um clima de instabilidade e mudança radical. Essas ideias influenciaram diretamente os inconfidentes e outros líderes da América Latina. *José Resende da Costa Filho* desempenhou um papel significativo no movimento da Inconfidência Mineira, um dos primeiros movimentos separatistas brasileiros que buscava a independência de Portugal e a liberdade colonial. Ele estava envolvido ativamente na conspiração junto com seu pai, José Resende da Costa, e outros inconfidentes, incluindo Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes.

Aqui estão alguns pontos sobre a importância de José Resende da Costa Filho no movimento.

Envolvimento Direto na Inconfidência Mineira - *José Resende da Costa Filho* era um dos conspiradores da Inconfidência Mineira. Ele fazia parte da elite intelectual de Minas Gerais e estava profundamente envolvido nas discussões e articulações do movimento. Seu envolvimento veio, em parte, de sua posição social e de sua educação, que o colocaram em contato com as ideias iluministas que estavam inspirando os movimentos de independência ao redor do mundo**.**

Família Ativa na Conspiração - Tanto ele quanto seu pai, José Resende da Costa (pai), eram figuras importantes dentro do círculo dos inconfidentes. A presença de duas gerações da mesma família no movimento demonstra a profundidade do comprometimento familiar com a causa. *José Resende da Costa* Filho era mais jovem e, juntamente com seu pai, participou das discussões sobre a organização da revolta, a formulação de planos para a independência e o estabelecimento de uma república.

Contribuições Intelectuais - Assim como outros membros da Inconfidência Mineira, *José Resende da Costa Filho* foi influenciado pelos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade. Ele, como os outros conspiradores, desejava a criação de um

governo republicano que garantisse maior autonomia para a colônia, libertando-a do domínio português. Embora não fosse um líder central como Tiradentes, sua participação no movimento evidenciava o compromisso da elite mineira com a mudança política.

Prisões e Consequências - Após a descoberta da conspiração pela coroa portuguesa, José Resende da Costa Filho e seu pai foram presos. Eles foram enviados para Lisboa, onde foram julgados. Embora *José Resende da Costa Filho* tenha sido condenado, ele não foi executado como Tiradentes. Em vez disso, ele foi sentenciado ao degredo, uma forma de exílio, sendo enviado para a Ilha de São Tomé, na costa da África. Essa pena era, na época, uma punição severa, mas também indicava que as autoridades portuguesas não viam nele a mesma ameaça direta que representava Tiradentes, considerado o principal articulador e agitador do movimento.

Legado - Embora *José Resende da Costa Filho* não tenha tido o mesmo destino trágico de Tiradentes, ele, juntamente com seu pai e os outros inconfidentes, contribuiu para plantar as sementes do movimento de independência do Brasil. A Inconfidência Mineira, apesar de fracassada, tornou-se um símbolo da luta pela liberdade e pela independência, e figuras como *José Resende da Costa Filho* são lembradas como parte dessa primeira tentativa de romper com o domínio colonial. A sua participação no movimento reflete a crescente conscientização e insatisfação da elite colonial com a opressão portuguesa, ajudando a preparar o terreno para as revoluções que viriam décadas depois. Embora não tenha sido uma figura de liderança central, seu envolvimento e sacrifício o colocam entre aqueles que lutaram pela independência do Brasil em seu estágio inicial.

III - <u>Como um inconfidente, José Resende da Costa Filho, se alinhava com os valores maçônicos?</u>

José Resende da Costa Filho, como outros inconfidentes da Inconfidência Mineira, alinhava-se com valores que ressoavam profundamente com os ideais maçônicos, embora não haja registros claros sobre sua adesão formal à Maçonaria. No entanto, muitos dos valores que motivaram os inconfidentes eram congruentes com os princípios

maçônicos, o que permite uma análise de como suas ações e crenças se alinhavam com esses valores. A seguir, alguns aspectos que demonstram essa convergência:

Busca pela Liberdade e Justiça - A Maçonaria tem, como um de seus pilares, a busca pela liberdade, tanto individual quanto coletiva, e pela justiça. O movimento da Inconfidência Mineira, do qual *José Resende da Costa Filho* fazia parte, tinha como principal objetivo a libertação da colônia brasileira do jugo opressor da Coroa portuguesa. Este anseio por liberdade está intrinsecamente ligado aos valores maçônicos, que defendem a emancipação do ser humano e das nações de sistemas tirânicos e injustos. Assim como a Maçonaria defende a ideia de uma sociedade mais justa e igualitária, os inconfidentes buscavam criar uma república livre, onde a exploração econômica e a repressão política impostas por Portugal fossem abolidas. Esse ideal de justiça social e política está em linha com o pensamento maçônico, que preza por governos mais justos e democráticos.

Igualdade e Fraternidade - Embora a sociedade colonial brasileira fosse marcada por fortes desigualdades, o movimento inconfidente pretendia criar um regime republicano que, pelo menos em teoria, promovesse maior igualdade e fraternidade entre seus membros. Esses ideais são centrais para a Maçonaria, que defende a fraternidade universal e a igualdade entre os homens, independentemente de suas origens sociais. A convivência entre os inconfidentes, muitos dos quais pertencentes à elite intelectual e econômica de Minas Gerais era uma expressão de fraternidade, onde as ideias e os esforços coletivos eram compartilhados em prol de um bem maior. Este espírito de colaboração entre indivíduos com diferentes perspectivas, mas com um objetivo comum, reflete o princípio maçônico da fraternidade.

Valorização da Razão e do Conhecimento - A Maçonaria, particularmente sob a influência do Iluminismo no século XVIII, promoveu o uso da razão, do conhecimento e da educação como formas de emancipação pessoal e social. Os inconfidentes estavam profundamente influenciados pelas ideias iluministas que exaltavam o pensamento racional e o saber como caminhos para a liberdade. A participação de *José Resende da Costa Filho* no movimento estava ancorada em sua educação e em sua convicção de que o conhecimento poderia levar à mudança política e social. O desejo dos inconfidentes de criar uma sociedade baseada em valores republicanos, inspirados nos ideais iluministas

de liberdade e progresso, estava em alinhamento com a filosofia maçônica de promover o conhecimento e a iluminação intelectual.

Simbologia do Templo - Na Maçonaria, o Templo de Salomão é um símbolo de construção espiritual e moral, representando a edificação do caráter e da sociedade justa. Para os inconfidentes, o projeto de uma nova república brasileira poderia ser visto como uma espécie de "construção do templo", onde o ideal de liberdade seria a pedra angular de um novo sistema político. *José Resende da Costa Filho*, ao participar da Inconfidência, estava engajado na tentativa de construir esse novo "templo" republicano, onde a justiça e a liberdade fossem as bases estruturais. Esse paralelo com a simbologia maçônica de construção, onde o maçom é um "obreiro" que constrói não apenas com pedras materiais, mas com princípios e virtudes, é evidente no idealismo dos inconfidentes.

Coragem e Sacrifício - Outro valor fundamental da Maçonaria é a coragem, especialmente a coragem moral de defender aquilo que é justo e verdadeiro, mesmo diante de grandes perigos. *José Resende da Costa Filho* e seus companheiros inconfidentes arriscaram suas vidas e liberdades ao se oporem à poderosa Coroa portuguesa. O sacrifício pessoal em prol de um ideal mais elevado, que é um tema recorrente na Maçonaria, se manifestou nas vidas desses conspiradores, que estavam dispostos a enfrentar a repressão em nome da liberdade.

Segredo e Conspiração - Os inconfidentes, assim como os maçons, operavam muitas vezes em segredo, cientes de que suas atividades conspiratórias eram perigosas e podiam resultar em severas punições, como de fato ocorreu. A Maçonaria é conhecida por seus rituais secretos e pela proteção de seus ensinamentos esotéricos. Da mesma forma, a Inconfidência Mineira operava clandestinamente, reunindo-se em segredo para planejar a rebelião contra Portugal.

IV - Exemplo inspirador

Embora não seja possível afirmar com certeza que *José Resende da Costa Filho* fosse um maçom, é inegável que os valores pelos quais ele e seus companheiros lutavam — liberdade, igualdade, fraternidade, justiça, razão e construção de uma nova sociedade — estavam profundamente alinhados com os ideais maçônicos. Seu papel na Inconfidência

Mineira pode ser visto como uma expressão concreta desses princípios, onde a busca pela independência e a rejeição da opressão colonial refletiam a missão de construção de uma sociedade mais livre e justa, o que está no coração da filosofia maçônica. *José Resende da Costa Filho* deixou um exemplo inspirador para os maçons de hoje com sua dedicação à causa da liberdade e seu compromisso com a justiça, mesmo diante da opressão. Seu papel na Inconfidência Mineira e seu sacrifício em prol da independência do Brasil podem ser vistos como um modelo de coragem moral, fraternidade e busca pela emancipação humana princípios centrais na Maçonaria. Aqui estão os principais exemplos que ele deixou como inspiração para os maçons atuais,

Coragem Moral Diante da Opressão - *José Resende da Costa Filho*, ao se envolver no movimento da Inconfidência Mineira, demonstrou uma grande coragem moral ao se posicionar contra um regime opressor. Ele sabia dos riscos de enfrentar a Coroa portuguesa, mas, ainda assim, estava disposto a sacrificar seu bem-estar pessoal em prol de um ideal maior. Para os maçons, que valorizam a coragem moral, seu exemplo mostra a importância de defender o que é justo e correto, mesmo quando isso implica desafios e sacrifícios pessoais.

Compromisso com a Liberdade - A causa principal da Inconfidência Mineira era a busca pela liberdade — liberdade política, econômica e social. *José Resende da Costa Filho* estava comprometido com a ideia de construir uma nova nação livre do jugo colonial. Esse compromisso com a liberdade, um dos pilares da Maçonaria, serve como inspiração para os maçons de hoje, que continuam a lutar por uma sociedade mais justa, livre e democrática, combatendo qualquer forma de tirania ou opressão.

Fraternidade e Unidade de Propósito - A participação de *José Resende da Costa Filho* ao lado de seu pai e de outros inconfidentes reflete o valor da fraternidade — um conceito central na Maçonaria. Ele trabalhou em conjunto com seus companheiros, unidos por um propósito comum: a liberdade e a construção de uma nova ordem social. Para os maçons modernos, essa fraternidade demonstra a importância de trabalhar coletivamente por causas maiores que transcendem os interesses individuais, promovendo a união em prol do bem comum.

Sacrifício em Nome de um Ideal - *José Resende da Costa Filho* enfrentou a prisão e o exílio como resultado de sua participação na Inconfidência Mineira. Seu sacrifício

pessoal, embora menos dramático do que o de Tiradentes, é um exemplo claro de alguém disposto a pagar um alto preço em nome de seus ideais. Para os maçons, que são chamados a servir à humanidade com integridade e altruísmo, o sacrifício de *José Resende da Costa Filho* é um lembrete de que a verdadeira dedicação a uma causa muitas vezes requer sacrifícios e renúncia.

Busca pela Transformação Social - *José Resende da Costa Filho* e seus companheiros buscavam não apenas a liberdade da opressão colonial, mas também a transformação social por meio da criação de uma república baseada em princípios mais justos e igualitários. Esse desejo de reforma social ressoa com o trabalho maçônico de "lapidar a pedra bruta" — o constante esforço de melhorar tanto o indivíduo quanto a sociedade. Para os maçons de hoje, sua luta pela independência pode ser vista como uma expressão do ideal maçônico de trabalhar continuamente para a construção de uma sociedade mais justa e iluminada.

Exemplo de Perseverança - Embora a Inconfidência Mineira tenha fracassado, o exemplo de *José Resende da Costa Filho* e dos outros inconfidentes não foi em vão. O movimento inspirou gerações futuras na luta pela independência e liberdade no Brasil. Para os maçons, isso serve como um exemplo de perseverança: mesmo quando os esforços imediatos parecem falhar, o compromisso com os ideais de liberdade e justiça pode ter um impacto duradouro e inspirar mudanças no longo prazo.

Biografia

Data e local de nascimento: São João del-Rei, 15 de novembro de 1766

Pais: José Resende Costa e Ana Carlota de Almeida

Filiação: Seu pai, José Resende Costa, foi um dos conspiradores da Inconfidência Mineira, um movimento separatista ocorrido em 1789.

Formação: Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, que era uma das mais prestigiosas instituições de ensino jurídico da época no Brasil.

Carreira Política: iniciou sua carreira política em Minas Gerais, seguindo os passos de muitos jovens formados em Direito que se dedicavam à vida pública.

Deputado Provincial: Foi eleito deputado provincial para a Assembleia Provincial de Minas Gerais, onde se destacou como orador e defensor dos interesses de seu estado natal.

Deputado Geral: Posteriormente, elegeu-se deputado geral (equivalente ao atual deputado federal) para a Assembleia Geral, representando Minas Gerais. Participou ativamente dos debates políticos nacionais durante o período imperial.

Senador: foi nomeado senador do Império do Brasil por decreto imperial, uma posição vitalícia. No Senado, continuou sua defesa dos interesses de Minas Gerais e contribuiu para as discussões sobre importantes questões nacionais.

Contribuições

Atuação Parlamentar: Durante sua carreira parlamentar, foi conhecido por sua habilidade oratória e pelo compromisso com a justiça e o desenvolvimento social e econômico de Minas Gerais e do Brasil.

Influência Política: Seu trabalho ajudou a moldar a legislação e as políticas públicas do período imperial brasileiro, contribuindo para a consolidação das instituições e para a evolução política do país.

Reconhecimento: É lembrado como uma figura proeminente do cenário político brasileiro do século XIX, com uma carreira marcada pela integridade e dedicação ao serviço público.

Data de falecimento: Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1841, capital do Império do Brasil

Conclusão

José Resende da Costa Filho deixou um legado de coragem, fraternidade e compromisso com a causa da liberdade, que continua a inspirar maçons e defensores da justiça social até os dias de hoje. Seu exemplo ensina que o verdadeiro compromisso com a liberdade exige coragem moral, sacrifício e uma dedicação incansável a ideais elevados, muitas vezes desafiando as normas estabelecidas e enfrentando grandes adversidades. Seu espírito de luta e sua busca pela justiça continuam a ressoar como um

símbolo do compromisso maçônico com a construção de uma sociedade melhor para todos.

Bibliografia das fontes consultadas

A Inconfidência Mineira – Márcio Jardim

Tiradentes a inconfidência diante da história – José Crux Rodrigues Vieira

Autos de devassa da inconfidência mineira – volume 1 – Márcio Jardim

Vários sites da Internet

Chat GPT

Finalizando

Como os ideais, pelos quais José Resende da Costa Filho lutou, continuam relevantes hoje, e como nós maçons, poderemos honrar seu legado em nossas vidas e trabalhos seculares?

PADRE CARLOS CORREIA DE TOLEDO E MELO

Acadêmico Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas
Vice-Presidente
Cadeira nº 25
Patrono: Padre Carlos Correia de Toledo e Melo

Para reflexão:

Pensamento:

“ Quando não há, entre os homens, liberdade de pensamento, não há liberdade.”
Voltaire, *pseudônimo de François-Marie Arouet, um dos principais pensadores do iluminismo.*

Senti-me muito honrado quando, apadrinhado pelo Presidente Emérito Confrade Paulo Duarte Pereira, fui admitido nesta Academia Mineira Maçônica de Letras – AMML – **A Casa de Tiradentes**.

Confirmando a afirmação do cientista Albert Einsten de que ***“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”,*** estou desenvolvendo a minha caminhada de acadêmico nesta Casa, aprendendo com os belíssimos e bem produzidos trabalhos de pesquisas apresentados pelos meus pares, e com as demais atividades desenvolvidas nesta Academia, que nos proporcionam novos conhecimentos, evolução, abrindo as nossas mentes.

Penso ser importante destacar neste momento que é gratificante ver que os trabalhos da Academia Mineira Maçônica de Letras, se desenvolvem à luz dos princípios fundamentais da Maçonaria, nosso berço e fonte inspiradora, exercitando o livre pensamento e, com muita dedicação, pesquisando, estudando e cultuando os ideais da Inconfidência Mineira, sobretudo do grande Mártir e Herói Tiradentes, que com muita justiça e visão cívica de seus fundadores dá nome a esta Instituição: **A CASA DE TIRADENTES**.

Com esta menção quero ressaltar o grande trabalho desenvolvido pelos nossos acadêmicos que se materializou na histórica obra intitulada: “A VERDADE DOS INCONFIDENTES”, 1º Volume de 2013 e o 2º Volume de 2022, em cujas apresentações assim se expressaram os Dignos Presidentes à época, Presidentes Eméritos Paulo Duarte Pereira e José Alberto Pinto de Sá, respectivamente:

Da apresentação do Confrade Presidente Paulo Duarte extraio os parágrafos 1, 2 e 5, página 5 do 1º. volume, a saber:

Parágrafo 1. "Apraz-me apresentar-lhe a "Verdade dos Inconfidentes", realização maiúscula dos acadêmicos que integram a Academia Mineira Maçônica de Letras. Eis o resultado das árduas pesquisas que fizeram em defesa de seus valorosos patronos. A oferecemos aos estudiosos da história contemporânea, como um passo dado em direção à verdadeira identidade daqueles que primeiro sonharam com a independência do Brasil. As informações acolhidas pelas veredas das Alterosas ou em alfarrábios descentralizados, muitas são, ainda contraditórias e certamente sucumbirão se não transpusermos as amarras do tempo e a retomarmos. Este é, sem dúvida, o nosso compromisso enquanto membros da Casa de Tiradentes."

Parágrafo 2. "Não nos permitiremos pensar que se esvaíram os esforços na busca da verdade inconfidente de cada um dos seus mentores. Nem pensar que, com a edição deste opúsculo, os acadêmicos concluíram o seu trabalho. Sabem eles que lançaram a pedra fundamental que haverá de demarcar as informações primárias sobre a vida de seus patronos."

Parágrafo 5. "Iremos adiante. É do nosso escopo o aprofundamento às minudências, à vontade de mostrar ao mundo, acadêmico ou não, os passos dos bravos que não se acovardaram com a prepotência da Corte enriquecida à custa do suor brasileiro, chafurdado na escuridão das minas de outro, a alimentar insustentável ganância."

Da Palavra do Presidente Confrade José Alberto, busco os parágrafos 1, 3 e 4, página 11 do 2º. Volume:

Parágrafo '1. "Muito se tem escrito sobre a Inconfidência Mineira, mas, os historiadores, com todo respeito que fazem por merecer, se limitam à descrição do fato histórico em si, deixando de lado a abordagem, tão importante quanto a história, do sentimento que inspirou o ideal de um grupo de brasileiros e portugueses a sonhar com a liberdade, sentimento impregnado de patriotismo e de total compromisso com o movimento contrário à dominação portuguesa".

Parágrafo 3. "Os Inconfidentes Mineiros foram para o Brasil essa peça de integração entre o ser e a vontade de servir a sua Pátria, representando o pensamento livre, enamorada da beleza eterna, rico dessa força sempre nova, criadora do amor, da glória, da riqueza, da fé e das grandes honras do coração."
Parágrafo 4. "Para nós da Academia Mineira Maçônica de Letras é dever de ofício resgatar a verdade e colocar no contexto da história do Brasil a importância da participação de cada um dos Inconfidentes no movimento insurreto de 1789, trazendo à luz a verdade, rebuscada na alma renovadora da esperança, com o sabor e o encanto do ideal libertário, todos eles unidos na luta pela criação de um Estado independente de Portugal."

Assim, cumprindo a tradição acadêmica atribuída ao detentor da cadeira de fazer o elogio de seu Patrono, e inspirado pelas palavras animadores dos Presidentes Eméritos

acima mencionados, cumpro essa tarefa com muita alegria, dedicando o melhor de meus esforços, mas ciente da grandeza dessa responsabilidade.

Não desenvolvi um trabalho extenso nem procurei falar sobre a INCONFIDÊNCIA MINEIRA ou CONJURAÇÃO MINEIRA em si, como alguns historiadores a denominam, por demais conhecida, mas me atendo ao foco do trabalho que é mostrar quem foi o Inconfidente Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, mais conhecido como Padre Toledo, sobretudo destacando a sua importância e papel nesse movimento de ideal libertário, florescido em nossa Minas dos Ouros, segundo Márcio Jardim, um processo histórico envolvendo oito anos, de 1781 a 1789.

Orgulha-nos destacar que Minas Gerais, a terra das Alterosas, sempre esteve na vanguarda dos grandes movimentos com ideais libertários, de formação desta grande Nação. Não à toa, quase 2 séculos depois o político mineiro Tancredo Neves afirmou: *"o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade"*. E a liberdade é um legado dos nossos bravos Inconfidentes.

Primeiramente discorrerei sobre quem foi o Padre Toledo, sua procedência, como chegou a Minas Gerais, a sua vida pessoal, como se envolveu com o movimento, qual o papel desempenhou na Inconfidência Mineira e o desfecho final, sua prisão, julgamento e morte.

Segundo Márcio Jardim, o movimento da Inconfidência Mineira foi composto por 3 grandes grupos: **MILITARES, CIVIS e CLERO.**
MILITARES:
- este grupo estava constituído por 15 membros;
CIVIS:
- grupo mais numeroso, formado por 62 pessoas;
O Padre Toledo faz parte do grupo dos clérigos da Inconfidência Mineira composto por 7 eclesiásticos, a saber:
1. Padre Luís Vieira da Silva, que no entendimento de Márcio Jardim foi o maior líder do movimento, ao lado de Tomás Antônio Gonzaga;
2. Padre Carlos Correia de Toledo e Melo;
3. Padre José da Silva e Oliveira Rolim;
4. Padre Manoel Rodrigues da Costa;
5. Padre José Lopes de Oliveira;
6. Padre Francisco Vidal de Barbosa Laje;
7. Padre José Maria Fajardo de Assis.

A professora, escritora, historiadora, jornalista e folclorista Maria de Lourdes Dias Reis, em seu livro "As negras batinas da conjura de Minas", Editoria, 2ª edição, 2021, livro autografado pelo Confrade Marcos Paulo de Souza Miranda, ressalta (páginas 27 e 28) que os 5 primeiros religiosos arrolados acima participaram do movimento de forma

destacada, tendo os Padres Francisco Vidal de Barbosa Laje e José Maria Fajardo de Assis atuado de uma forma mais discreta.

Arrola ainda a historiadora 11 outros clérigos que foram ouvidos como testemunhas nos Autos da Devassa, a saber:
1. Padre Martinho de Freitas Guimarães;
2. Padre Silvestre Dias de Sá;
3. Padre Francisco de Paula Meireles;
4. Padre Felix Antônio Lisboa;
5. Padre José Martins Machado;
6. Padre José Correia da Silva;
7. Padre Manuel José de Almeida;
8. Padre Bento Cortez de Toledo, Irmão do Padre Carlos Toledo;
9. Padre Francisco Aguiar Coutinho;
10. Padre Miguel Eugênio da Silva Mascarenhas;
11. Padre Inácio Nogueira Lima.

Agora vamos ao foco de nosso trabalho, o Padre Carlos Correia de Toledo e Melo.

PROCEDÊNCIA:

O Padre Carlos Correia de Toledo e Melo nasceu em Taubaté – SP, em 1731, filho de Timóteo Correia de Toledo e Úrsula Isabel de Melo, da família Toledo Piza, tradicional na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté – SP. Mais dois de seus irmãos foram padres, Bento Cortez de Toledo que foi reitor no Seminário de São José no Rio de Janeiro e Antônio de Melo Freitas, frei franciscano que foi professor neste mesmo seminário, e depois Bispo em Angola, na África. Bento Cortez foi o sucessor do Padre Toledo na Comarca do Rio das Mortes a partir de 1789, tendo sido também ouvido na Devassa como testemunha, como visto acima. Duas de suas irmãs também foram freiras. Era uma família de muitos religiosos.

- CHEGADA À REGIÃO DO RIO DAS MORTES:

Os recursos da família permitiram ao Padre Toledo andar pela Europa, onde ficou por muito tempo. Em 1776, aos 45 anos encontrava-se em Lisboa - ainda não tinha sido nomeado para paróquia alguma - quando conseguiu a sua nomeação para Vigário da Comarca do Rio das Mortes, uma das mais ricas, dentre as centenas de paróquias do Reino Português, que abrangia São João del-Rei, São José del-Rei e dezenas de outros arraiais em grande extensão territorial. Tomou posse do cargo em 7 de março de 1776 em Lisboa perante o Bispo Dom Bartolomeu, em cumprimento de Carta Régia de três dias atrás (Márcio Jardim, pagina 291).

Chegou a São José del-Rei, entrando no efetivo exercício do cargo em 1777, no dia 13 de abril, tendo como sede a Igreja de Santo Antônio de São José del-Rei, atual cidade de Tiradentes, que vinha sendo dirigida interinamente pelo Padre Luís Vieira da Silva, Cônego considerado um dos maiores nomes da Inconfidência Mineira. Grande intelectual, leitor voraz dos iluministas, e que era possuidor da maior biblioteca da época (Márcio Jardim, página 291)

Vindo para assumir as suas funções eclesiásticas na comarca do Rio das Mortes, o Padre Toledo trouxe para a região alguns membros de sua família que viviam sob a sua tutela. José Crux Rodrigues Vieira relata (pagina 90)*: "Era o Padre Toledo o chefe de numerosa "gens", pois havia trazido para Minas, onde viviam sobe sua orientação e verdadeira dependência econômica, seus irmãos Padre Bento (que foi sucessor dele no vicariato) e Luiz Vaz (instalado em fazenda vizinha à do vigário com mulher e filhos às expensas do sacerdote), o feitor Domingos Barbosa Ribeiro (primo do Padre) seu cunhado Antônio José da Mota, fazendeiro em Baependi e pai de Claro José da Mota, o jovem sobrinho que acompanhava o vigário em muitas viagens. A liderança de todos, exercida pelo Padre Toledo, era permanente, muito acatada, inteiramente obedecida*."

Registre-se que o pai do Padre Toledo, Timóteo Correia de Toledo também morou em São João del-Rei durante algum tempo, retornando posteriormente para Taubaté. Com a morte de sua esposa em 1759, tornou-se padre em 1760, tendo sido, no fim de sua vida, vigário em Pindamonhangaba – SP.

Quando chegou à região da Comarca do Rio das Mortes o Padre Toledo já possuía grandes recursos, tendo ido morar em uma casa na Rua do Sol, providenciando adequações e reformas que a tornaram a edificação a mais imponente da localidade, onde hoje funciona o Museu Casa Padre Toledo, sobre o qual falaremos mais adiante. O vicariato o enriqueceu muito durante os seus doze anos de exercício de suas funções eclesiásticas em São José del-Rei.

Márcio Jardim (página 290) o descreve *como "um homem ambicioso, dedicado a enriquecer, vivendo em notável fausto em São José del-Rei, como vigário da Paróquia*

de Santo Antônio, em 1789. Ali estava há 12 anos, tendo trazido antes alguma fortuna, que aumentou consideravelmente, tornando-se um potentado, residente em um dos mais belos palácios de toda Capitania. Tinha fazendas, escravos, transacionava com capital e gerenciava até com truculência suas freguesias tributárias. Possuía uma notável biblioteca para a época, o que, aliado à sua amizade estreita desde 1777 com o cônego da Sé de Mariana, Luís Vieira da Silva, pode fazer crer uma formação intelectual iluminista e revolucionária, que é confirmada por suas atitudes."

ENVOLVIMENTO COM A INCONFIDÊNCIA MINEIRA:
Com a sua notória autoridade eclesiástica, forte poder econômico e grande influência social e política na região da Comarca do Rio das Mortes, foi envolvido pelos ideais da Inconfidência através do Cônego Padre Luís Vieira da Silva, seu grande amigo, tornando-se um dos grandes nomes do movimento, principalmente do ponto de vista prático. Dentre os eclesiásticos envolvidos no movimento foi o mais radical. Entregou-se totalmente ao movimento ao lado de seu amigo Cônego Luís Vieira da Silva que o inspirou, convencendo-o a aderir à causa. Chegou até a cogitar a possível conveniência de eliminação dos estrangeiros residentes na região.

Márcio Jardim (página 292) assim define a atuação do Padre Toledo na Inconfidência Mineira:

"*Carlos Correia de Toledo atuou decisivamente na Inconfidência Mineira, podendo ser considerado um dos principais líderes. Seu papel específico seria aprontar cavaleiros armados o tanto que pudesse, e pode ser considerado líder pelo número de adeptos que arregimentou e estimulou. A ele não deve ser creditada nenhuma iniciativa nem ação intelectual; limitou-se a difundir a ideia de revolução e o estado dos preparativos que encontrou em Vila Rica. Com Tiradentes, foi o conspirador que mais arregimentou revolucionários na Comarca do Rio das Mortes, podendo-se contar como conquistas suas as cooptações, além dos familiares e agregados, de Inácio Pamplona, dos Rezende Costa, de Francisco Antônio de Oliveira Lopes e de dezenas de outras pessoas, fazendeiros principalmente. Há duas fases nas atitudes de Carlos Toledo na revolução: na primeira participou de todas as reuniões decisivas realizadas em Vila Rica no final do mês de dezembro de 1788; na segunda, após o início da repressão, tentou desesperadamente dar início ao levante.".*

Continuando, Márcio Jardim (página 293), "Em dezembro de 1788 Toledo participou de todas as reuniões decisivas: a) esteve na casa de Tomás Gonzaga, hospedado por 10 dias; b)- esteve nas casas de Francisco de Paula Freire de Andrada, João Rodrigues de Macedo e Cláudio Manoel da Costa; c)- dirigiu-se depois para Mariana onde se encontrou com Luís Vieira. Esteve presente em todas as reuniões, fornecendo aos seus futuros cooptados detalhes extensos e pormenorizados de todas as deliberações."
José Cruz Rodrigues Vieira (página 89) assim o define:

"Eis aqui, sem dúvida, um dos líderes da Inconfidência, Homem de origem importante, inteligente e de cultura bem apreciável, aliava ao sacerdócio e ao vicariato, que lhe dava muita respeitabilidade, uma grande capacidade de ação e de conquista de adeptos, fruto de seu acentuado espírito prático.

Não era, pois, um doutrinador da revolução, embora a tenha pregado. Era muito mais um líder de ativistas, um comandante de execuções de planos elaborados, um "cabeça" capaz de organizar falange poderosa. Era, em suma, uma figura típica de padre revolucionário, aliás não rara no evoluir da vida brasileira. Pode ser contado entre os conjurados de maior relevo."

Destemido propagador da revolução e homem de frente dos preparativos, quando sentiu-a com poucas chances de vingar, passou a seguinte mensagem a seu irmão Luiz Vaz para que a transmitisse ao Ten. Cel. Francisco de Paula Freire de Andrada: *"valia mais morrer com a espada na mão que como carrapato na lama"*. Frase esta que se tornou famosa, que podemos entender como um chamamento desesperado à luta e à não desistência dos ideais que os inspiravam e levaram ao levante por tão nobre causa, a **LIBERDADE.**

O Padre Tolero era amigo íntimo de vários Inconfidentes como Alvarenga Peixoto e sua esposa Bárbara Heliodora, e também amigo pessoal de Thomaz Antônio Gonzaga desde quando este era ouvidor da Comarca.

Sobre este relacionamento com Alvarenga Peixoto registre-se que o Padre Toledo efetuou o seu casamento com Bárbara Heliodora e o batizado de seus filhos. ´

Escrevendo sobre esses episódios, assim relatou o historiador e professor Luiz Antônio da Cruz, em sua dissertação com o título de "A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização", para a obtenção de Mestrado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

"*Um dos maiores amigos de padre Toledo foi o advogado, poeta e coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto, homem que figurava entre os mais ricos da capitania. Padre Toledo fez seu casamento a posteriori, na capela particular da casa do sogro em 22 de dezembro de 1781, sendo os padrinhos Luiz Vas de Toledo e José Maria... No dia 8 de outubro de 1788, na Matriz de Santo Antônio, de São José, Toledo realizou o batizado de dois filhos de Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora – José Eleutério, nascido no ano anterior e João Damasceno, recém-nascido. Com tanta pompa e circunstância, o recém instalado órgão português da Matriz deve ter sido utilizado durante o batizado. Após a cerimônia religiosa, o vigário ofereceu um banquete em sua residência da Rua do Sol."*

Sobre o que aconteceu durante este banquete é importante continuar o ver o que continua relatando o professor Luiz Antônio.:

"O encontro de vários futuros inconfidentes, realizado por Toledo, é "tido como o marco inicial da conspiração. Na ocasião, com a presença de muitos convidados, inclusive Tomás Antônio Gonzaga, como um dos padrinhos, celebraram, beberam e deram muitos vivas à República.

Provavelmente, durante o banquete foi criada a senha para o levante contra a coroa portuguesa: ***Tal dia será o batizado.*** *Entusiasmados, conversaram e planejaram. Alvarenga faz um brinde a sua mulher, Bárbara, dizendo: "Lá vai à saúde da Senhora Dona Bárbara, que há de ser Rainha." Toledo seria o bispo. O sargento-mor Luiz Vaz de Toledo Piza (seu irmão) disse que "com o fagote que trazia à cintura, havia de cortar a cabeça do General". O banquete na casa de Toledo ficou gravado na memória tanto dos participantes, quanto dos que tiveram notícias da celebração e dos fatos ocorridos durante o evento."*

Os acontecimentos do dia 8 de outubro de 1788 tiveram grande repercussão, tanto que foram registrados em diversos depoimentos nos Autos da Devassa, marcando expressivamente o início do movimento inconfidente e a casa de Toledo como o locus dos fatos. Foi depois do batizado que padre Toledo começou a mobilização dos fazendeiros, mineradores e pecuaristas da Comarca do Rio das Mortes, em função da proposta de criação de uma República a partir de Minas. O movimento teria o envolvimento do Rio de Janeiro, através dos contatos do Alferes Joaquim José da Silva Xavier e de São Paulo, com os contatos da família Toledo."

Contudo, no calor das articulações e movimentações, eis que surge a figura do Judas, a exemplo do acontecido no início do Cristianismo, o traidor, que entrega os companheiros. Havia entre os participantes do movimento inconfidente homens muito ricos, dignos e ilustrados, como também homens muito endividados. Dentre os mais comprometidos financeiramente estavam Joaquim Silvério dos Reis e João Rodrigues de Macedo.

Confiante na possibilidade de ter sua dívida perdoada como prêmio, Joaquim Silvério dos Reis fez a denúncia em carta ao Visconde de Barbacena, datada de Cachoeira do Campo, em 11.04.1789, citando o Padre Toledo 2 vezes. Outro que fez denúncia foi o português Ten. Cel. Basílio de Brito Malheiros, datada de Vila Rica, em 15.04.1789, citando a participação indireta do Padre Toledo, mas destacando a sua participação.

Outras denúncias ainda foram feitas, inclusive por participantes do movimento.

Diante das denúncias o Governador incluiu o Padre Toledo na lista dos primeiros a serem presos, considerando-o um dos líderes do levante. Márcio Jardim (pagina 294) relata *"o Visconde pensava que a revolução seria abortada com a simples prisão dos principais líderes e sua remessa para o Rio".*

Após as denúncias, no dia 10.05.1789, o denunciado Joaquim José da Silva Xavier e o denunciante Joaquim Silvério dos Reis foram presos no Rio de Janeiro. A notícia se espalhou e o Padre Toledo tentava manter a mobilização dos companheiros afirmando que: *"mais valia morrer com honra e com a espada na mão, do que como o carrapato não mão".*

Padre Toledo foi preso pela escolta do Ten. Antônio José Dias Coelho, por ordem do Visconde de Barbacena no dia 24.05.1789 quando estava a caminho de sua fazenda no arraial da Laje. Seu amigo Alvarenga Peixoto também foi preso no mesmo dia, e junto com ele e também Tomás Antônio Gonzaga, foi levado para o Rio de Janeiro, ficando os 3 incomunicáveis na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras.

Durante sua prisão prestou 7 depoimentos. Sobre isso Márcio Jardim (pagina 294) relata:

"Seus depoimentos na prisão foram definitivos para que o governo soubesse a real extensão do movimento rebelde. Foi interrogado 7 vezes: 14 e 27 de novembro de 1789, 4 de fevereiro de 1790, 11 e 13 de julho, 23 de agosto e 7 de setembro 1791. Ficou na Fortaleza da Ilha das Cobras de junho de 1789 a julho de 1791 (2 anos), sendo a seguir transferido para a Cadeia do Tribunal da Relação (onde ficou pouco mais de um mês) e finalmente internado no Convento da Ordem Terceira de São Francisco, ali permanecendo mais um ano. No primeiro depoimento negou tudo; nada sabia, nem tinha nada a ver com conversas que ouvira sobre rebelião. Tentou jogar a culpa em Joaquim Silvério dos Reis, como havia sido combinado entre os revoltosos".

No segundo depoimento em 27/11/1789, continua Márcio Jardim (pagina 295): "depois de tentar permanecer na negativa até a segunda pergunta, é novamente instado por muitos e vários modos, para que confessasse a verdade" (tortura?) e resolve, "a vista das instâncias, e argumentos, que novamente lhe fizeram", reconhecer que "sua culpa se achava inteiramente provada". Passa a delatar o que sabia; as reuniões conspiratórias de dezembro de 1788 na casa de Francisco de Paula Freire de Andrada, as pessoas presentes, os planos da revolução, incluindo detalhes. Tentou por todos os modos livrar Tomás Antônio Gonzaga, dizendo que nunca ouvira falar dele e só o nomeara para outros como forma de arregimentar adeptos, pelo notório prestígio do ex-Ouvidor Geral, tentativa inútil, pois o depoimento de Cláudio Manoel havia posto fim a essa dúvida. Carlos Toledo lutava honrosamente para salvar o seu velho amigo e hospedeiro, a quem, ao que parece, admirava muito, assim como também o Alferes Tiradentes. Os depoimentos seguintes pouco acrescentaram a esse extenso e revelador segundo interrogatório.

A sentença que lhe coube no processo seria a morte na forca, sendo depois indultado por ordem da Rainha D. Maria I e levado para

Lisboa para decisão final. Ficou preso na Fortaleza de São Julião da Barra, junto a outros sacerdotes envolvidos na conjuração, sendo depois remetido para clausura no Convento de São Francisco em Lisboa, onde faleceu em 1803, aos 72, conforme escreve a Professora Maria de Lourdes Dias Reis (pagina 76).

José Crux relata que os processos dos inconfidentes eclesiásticos e as respectivas sentenças ficaram em segredo de estado. Muitos anos após é que vieram a ser revelados pois no tempo das punições, o Príncipe Regente, substituindo a sua mãe, Rainha D. Maria Primeiro I, que estava em estado de loucura, ordenou que fosse feito "perpétuo silêncio" a respeito.

O que se sabe é que os soberanos da época e seus conselheiros tinham grande respeito aos eclesiásticos e, não é forçoso acreditar, até verdadeiro temor aos castigos divinos. Daí o tratamento especial dado aos réus eclesiásticos.

Com relação ao que se conhece sobre o acórdão relativo aos réus eclesiásticos, José Crux (página 101) registra: *"... pode-se nele ler, quanto ao Padre Toledo: foi um dos principais chefes da conjuração, na qual se interessava com o maior empenho ..."*

O Padre Toledo faleceu aos 72 anos no Convento de São Francisco, como acima já relatado, quando se preparava retornar ao Brasil. Seus restos mortais até hoje permanecem em Portugal.

MUSEU CASA PADRE TOLEDO:

A casa onde viveu Padre Toledo, palco de importantes e decisivas reuniões dos conjurados mineiros, abriga atualmente o MUSEU CASA PADRE TOLEDO, sendo assim apresentada em vistosa placa ostentada em suas dependências:

"O solar conhecido historicamente como "Casa Padre Toledo" é um dos bens culturais mais preciosos construídos no século XVIII em Tiradentes, Minas Gerais. Marco arquitetônico do período de exploração mineral na então Vila de São José del-Rei, antiga Comarca do Rio das Mortes, a edificação abriga limiares de espaços e tempos diversos de grande importância na vida social, política e cultura. Até 1789 a casa atraiu as atenções da região, quando nela residiu, por 12 anos, o Padre Toledo, senhor de grandes posses e um dos mais ativos personagens da Inconfidência Mineira. A presença do pároco marcou este solar que testemunhou reuniões e encontros de várias figuras ilustres do período.

O refinamento da construção é comparável às habitações nobres de Portugal e a algumas sacristias de igrejas do século XVIII. Um de seus aspectos mais sofisticados é o conjunto de forros pintados, cuja autoria permanece desconhecida. O volume do trabalho é notável, já que as pinturas estão presentes em nove das quinze salas e aplicadas com diversas técnicas artísticas de composição.

A solução formal se apresenta em arranjos geométricos estruturados nos forros, divididos em múltiplos quadros. As molduras que o separam valorizam os diferentes níveis das superfícies nas quais são aplicadas as pinturas. Em 2012, o Museu Casa Padre Toledo foi reinaugurado, depois de ter passado por um complexo processo de restauração realizado pela UFMG".

Ao falar sobre o Padre Toledo não se pode deixar de mencionar esse patrimônio histórico, que é a prova viva de um dos momentos mais importantes da história desta nação.
Ali se respira história, nobres ideais, inspiração libertária.

No Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles clama por Padre Toledo, seus sonhos libertários e a sua casa, conforme também registrou o Presidente Emérito Confrade Paulo Duarte Pereira, no seu Panegírico ao Patrono da Cadeira de nº. 11, que ocupa, Ten. Cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, página 128, do livro "A Verdade dos Inconfidentes":

"Que era paulista soberbo, paulista de grande raça, mação, conforme o seu tempo, e a alegria pintara das leis dos Cinco Sentidos nos tetos de sua casa... dormia o Padre Toledo..."

No livro Patrimônio Construído – As 100 mais belas edificações do Brasil, a Casa do Padre Toledo figura em quatro páginas.

A Casa Padre Toledo é fabulosa. Não se pode deixar de visitá-la e sentir, naquele ambiente, com imaginação e volvendo o pensamento para o passado, a história se passar diante dos seus olhos, destacando a figura do Padre Toledo como um dos grandes líderes da Inconfidência Mineira, o primeiro grito de liberdade que partiu das montanhas de Minas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À história cumpre a missão de registrar, para fazer jus e não deixarem esquecidos os fatos marcantes. E, com justiça, a nossa história registra a notória participação e destacada importância do Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, com sua rede familiar (vários familiares participaram ativamente do movimento) que muito o auxiliou nas mobilizações na região da Comarca do Rio das Mortes e pelas bandas de Taubaté, berço dos Toledo Piza.

Padre Toledo foi um grande e inconteste líder da Inconfidência Mineira. Com o seu poder econômico, influência religiosa, política e social, e capacidade de articulação, foi quem mais mobilizou e arregimentou as forças operacionais para o levante, além de divulgador incansável da revolução, às vezes até com posicionamentos radicais. Foi uma liderança mais no sentido prático do que teórico no movimento, mas convincente no seu incansável trabalho, inspirado pelo seu grande amigo Cônego Padre Luiz Vieira da Silva, que o convenceu a aderir à causa que fervilhava nos corações de homens destemidos que almejavam e buscavam a liberdade, inspirados pelos ideais iluministas que varriam o continente europeu, principalmente na França que liderou intelectualmente o movimento.

Os pioneiros fundadores de nossa Academia Mineira Maçônica de Letras - A Casa de Tiradentes - foram muito felizes quando escolheram o Padre Carlos Correia de Toledo e Melo para patrocinar uma das primeiras cadeiras da recém criada Academia Maçônica Mineira de Letras, a de número 25.

Ao pesquisar os anais da história e historiadores que se debruçaram sobre o tema, para fazer o elogio ao Patrono da Cadeira 25, Padre Carlos Correia de Toledo e Melo, que tenho a subida honra de ocupar no momento, e tomar conhecimento mais abrangente de seu papel no movimento dos inconfidentes, defendo-o com a firme convicção de sua capital importância na Inconfidência Mineira, deixando um rico legado à nossa história.

Foi um dos mais atuantes e devotados homens do movimento, que somente não foi exitoso pelo ato de traição de um de seus integrantes, que buscava, com a sua odiosa atitude, benefícios de natureza pessoal, como muito hoje se constata, quando homens e gestores públicos negligenciam o interesse coletivo priorizando o individual ou grupal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

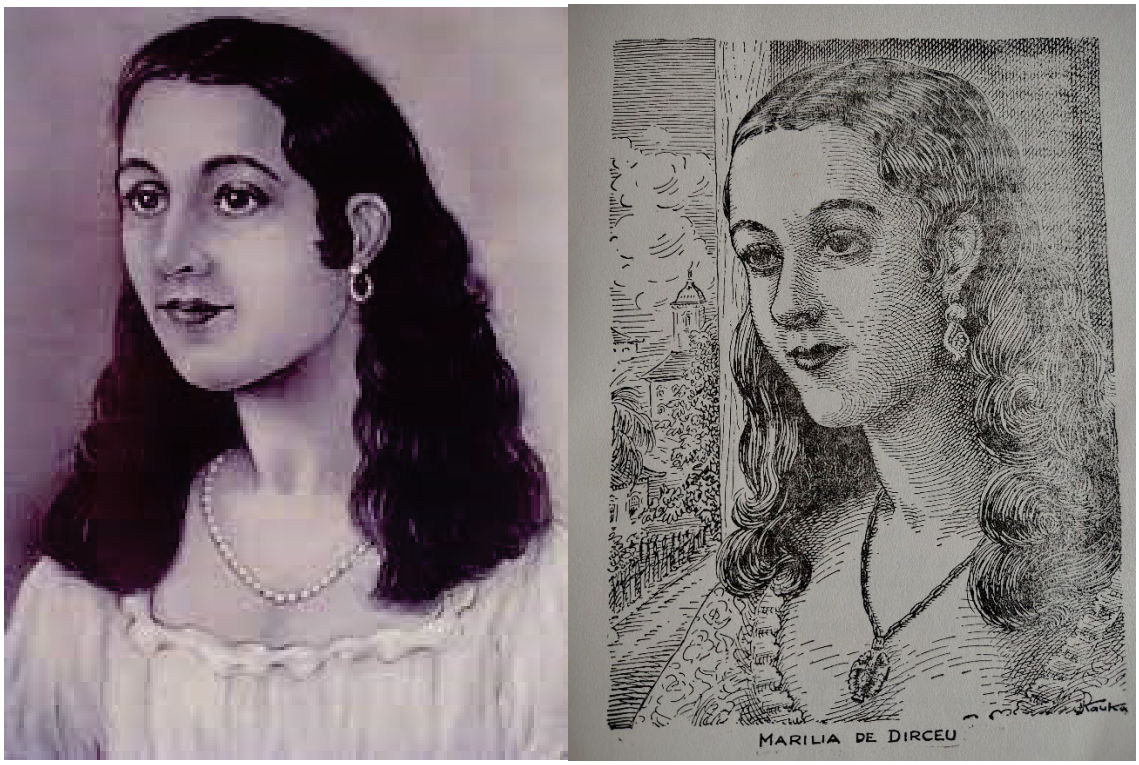
CRUZ, Luiz Antônio**.** "A Casa Padre Toledo no cotidiano e na monumentalização" – Dissertação para o programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFMG – 2015 – Repositório da EAU – Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG – Dissertações e Teses Defendidas.

JARDIM, Márcio. A Inconfidência Mineira – Uma Síntese Factual. Rio de Janeiro: Editora Bibliex, 1989.

REIS, Maria de Lourdes Dias. As negras batinas da conjura de Minas. Belo Horizonte: 3i Editora Ltda., 2021.

VIEIRA, José Crux Rodrigues. Tiradentes: A Inconfidência diante da História, vol 1, vol. 2, tomo I. Belo Horizonte: Editora 2º. Clichê Comunicação & Design Ltda., 1993.

Panegírico à Patrona da cadeira nº 23 da Academia Mineira Maçônica de Letras



Maria Dorothea Joaquina de Seixas (1767-1853)

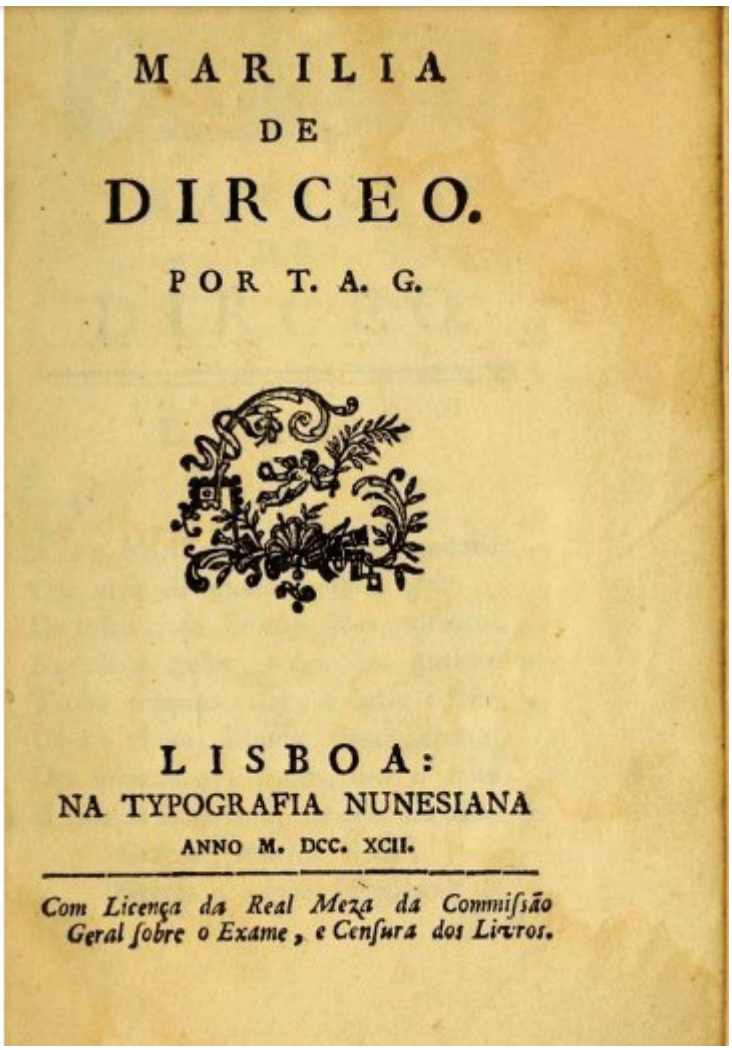
<u>Pesquisa e Apresentação:</u>

Acadêmico Edilson de Oliveira

Em 11/03/2025.

Introdução:

Embora exista enorme quantidade de livros, trabalhos, artigos, dissertações e trabalhos de pesquisas falando sobre Maria Dorothea, constatamos que esse vasto material diz respeito à associação que fazem dela à personagem ***Marília de Dirceu***, musa do Poeta Tomás Antônio Gonzaga, o qual teria imortalizado sua ex-noiva numa obra poética, conhecida no mundo inteiro. A primeira edição foi publicada em Lisboa, na Tipografia Nunesiana, no ano de 1792.



MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA NUNESIANA
ANNO M. DCC. XCII.

Com Licença da Real Meza da Commiſsão Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Esse livro poesias ***Marilia de Dirceo*** fundou o mito **Marília**, que vem sendo interpretado como a história de um grande amor desfeito em razão do envolvimento político do autor, em um momento em que a

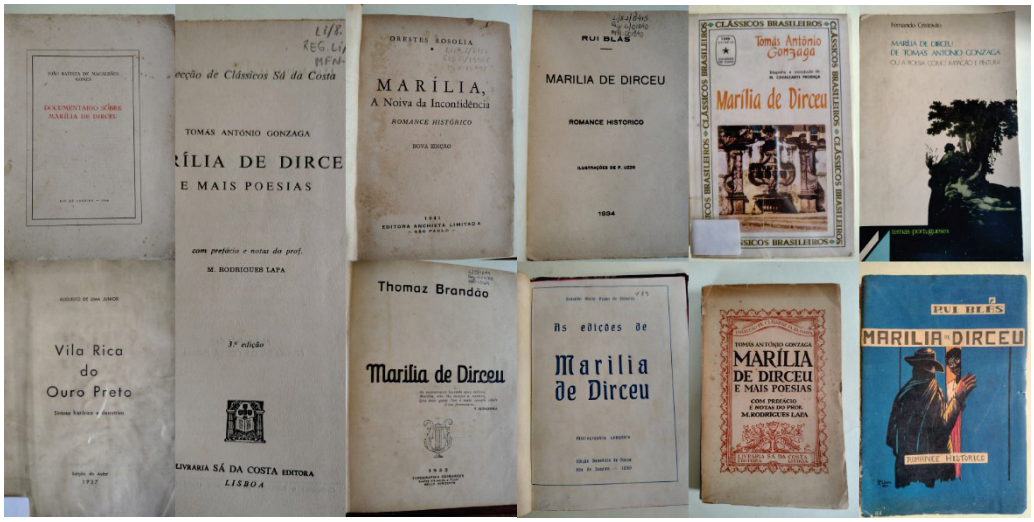
Coroa Portuguesa estava empenhada em garantir seu poder sobre a colônia brasileira e punir os rebeldes. Tomás Gonzaga e Maria Dorothea tiveram um romance, chegando a ficar noivos, inclusive, com data de casamento marcada.

São extremamente instigantes, polêmicas e curiosas as repercussões nacionais e internacionais que as obras do poeta provocam em torno daquela que teria inspirado os festejados textos poéticos, ficando muito claro que a maioria dos conteúdos consultados se baseia em conclusões autorais especulativas, às vezes tendenciosas e romantizadas.

A confusão da vida pessoal de Maria Dorothea com a personagem criada nas poesias do ex-noivo, faz com que até mesmo autores historiográficos, denominam-na como Marília, provocando dificuldades aos leitores de apartarem realidade de fantasia.

Em que pese a consistência desse rico e agradável contexto biográfico que interpreta a ficção associada à vida pessoal da patrona aqui estudada, estabelecendo conclusões satisfatórias para que Maria Dorothea esteja na galeria de mulheres de destaque do nosso País, senti-me no dever de aprofundar as pesquisas na expectativa de encontrar acervo de natureza primária que pudesse apontar fatos sobre a vida sociopolítica de Maria Dorothea, notadamente, no que respeita à sua participação direta nos movimentos da chamada Inconfidência Mineira.

Foi, então, que após agendamento prévio em Órgão do Ministério da Cultura, estive pessoalmente na Biblioteca Rui Mourão vinculada ao Museu da Inconfidência em Ouro Preto, mas, infelizmente, de acervo primário tinha apenas os autos do inventário de Maria Dorothéa que foi instaurado no ano de 1853, as demais fontes consultadas, em que pese confiáveis, são obras bibliográficas:



Concluída a pesquisa, externarei ao final deste modesto trabalho, impressões pessoais que se alinham a posicionamentos firmados por festejados historiadores e escritores.

É desnecessário dizer que o poder de síntese se fez necessário para adequação dessa apresentação ao tempo disponibilizado, daí a objetividade que os nobres Confrades virão nessa apresentação.

I - Resumo Biográfico de Maria Dorothea.

Segue o resumo biográfico ostentado no site do Museu da Inconfidência:

"Maria Doroteia Joaquina de Seixas, mais conhecida como Marília de Dirceu, não foi apenas a musa do inconfidente e poeta Tomás Antônio Gonzaga. Ela também foi uma mulher que não se submeteu às atribuições femininas impostas à época.

Nascida em 1767, Doroteia era de família descendente de portugueses com muito prestígio na antiga Vila Rica. Sua mãe morreu quando ainda era criança e seu pai a deixou sob os cuidados das tias maternas. Naquela época, a educação das meninas consistia em torná-las distintas senhoras da (para a) sociedade. E, por ser de família rica, além da escrita e leitura, aprendeu etiqueta, pintura, jardinagem e música.

Na adolescência conheceu Tomás Antônio Gonzaga – o então ouvidor de Vila Rica -, com o qual viveu um romance, mas não chegou a se casar mesmo noivando por anos. A história conta que o casamento não se concretizou devido ao desfecho da Conjuração Mineira, com Gonzaga preso e enviado para exílio na África (Moçambique), onde permaneceu até a sua morte.

Na distância, tornou-se a musa inspiradora da obra de Gonzaga, Marília de Dirceu e, por isso, ficou conhecida por esse nome. O livro, dividido em três partes, tendo ao todo 71 liras e 14 sonetos, é uma das mais importantes obras da literatura brasileira.

Aos 25 anos pediu emancipação do pai, que morava fora, para que pudesse gerir seus próprios bens. Naquela época, a emancipação era uma forma da mulher ter sua autonomia financeira, visto que quem tomava conta dos recursos da família eram os homens. Na ausência destes, era comum as mulheres serem enviadas para conventos.

Enquanto alguns historiadores consideram a hipótese de Dorotéia ter tido um filho, o médico Anacleto Teixeira de Queiroga, considerado como seu afilhado, protegido e herdeiro, outras versões insistem no celibato de Marília.

Em 1787, Maria Doroteia entrou para a Irmandade da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto e foi Ministra da Ordem por duas vezes. Nas atas da Câmara Municipal de Ouro Preto, constam suas cobranças de reparos de encanamentos de água do chafariz público e de sua fonte particular, demonstrando que era atuante no espaço público da cidade, quando se fazia necessário.

Sua personalidade foi descrita por sua prima, Beatriz Francisca de Assis: "Doroteia era dotada de espírito vivo, e elegância natural; tinha bons ditos, respostas prontas e adequadas; e lembranças felizes, que faziam apreciável sua conversação, sempre adubada desse sal ático, que também a fazia muitas vezes temível, quando propendia para o sarcasmo, que praticava com a maior graça e firmeza". Doroteia morreu aos 84 anos.

No Museu da Inconfidência está exposta uma de suas obras – a pintura da imagem de Santa Madalena – e seu testamento. Ambos localizados ao lado de sua lápide, na sala da Inconfidência, no 1° piso.

Referências: JARDIM, Ana Cristina Magalhães. O protagonismo feminino em Minas Gerais: Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (1767-1853). Temporalidades, v. 11, n. 1, pág. 198-224, 2019." (Fonte: https://museudainconfidencia.museus.gov.br/conheca-a-historia-de-marilia-de-dirceu/).

II - Da Divergência do Nome.

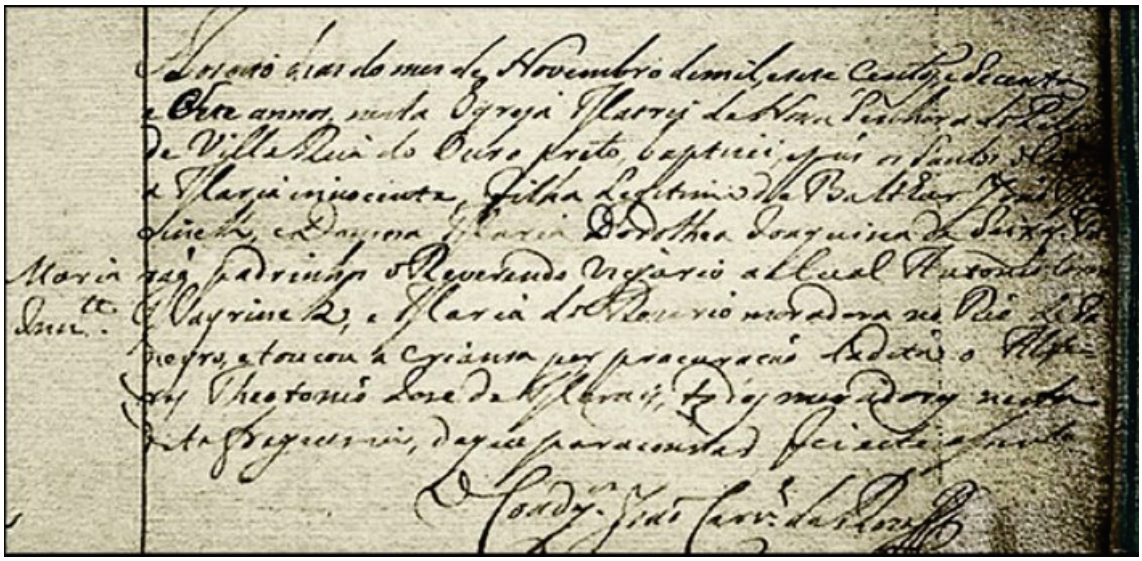
De início, abro um capítulo específico sobre a divergência existente em torno do nome que nessa Gloriosa Academia está intitulada MARIA DOROTÉIA JOAQUINA DE SEIXAS BRANDÃO.

A literatura apresenta pelo menos seis variações, quais sejam:

- Maria Dorothea (Dorotéia) Joaquina de Seixas
- Maria Joaquina Dorothea (Dorotéia) de Seixas
- Maria Dorothea (Dorotéia) de Seixas Mayrink
- Maria Joaquina Dorothea (Dorotéia) de Seixas
- Maria Joaquina Dorothea (Dorotéia) de Seixas Brandão
- Maria Dorothea (Dorotéia) Joaquina de Seixas Brandão

Compreender essas discrepâncias e dirimir as controvérsias não é difícil:

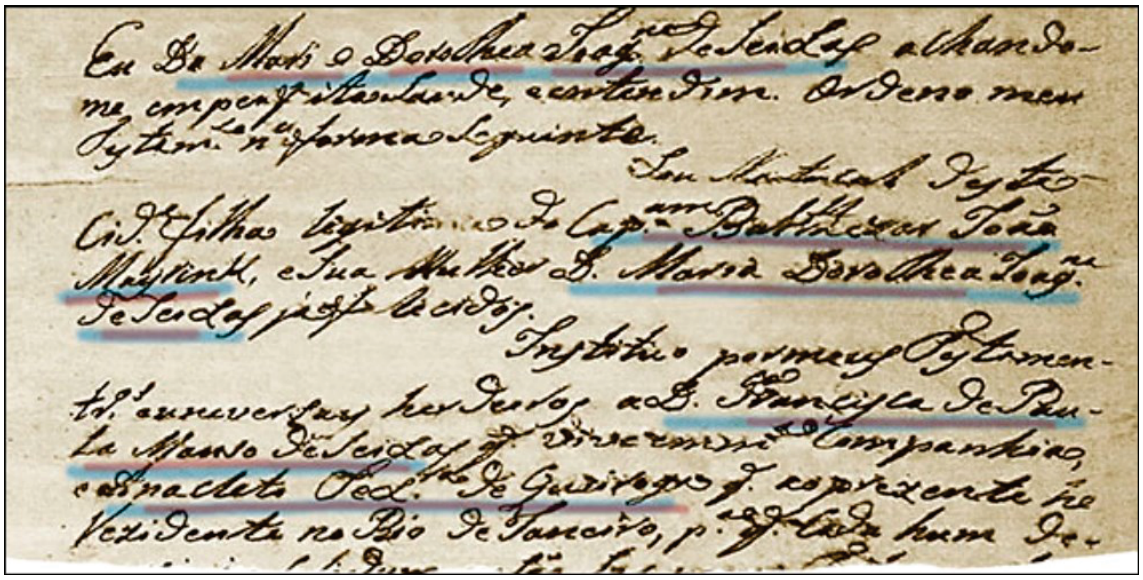
1 – No registro de batismo religioso consta apenas “MARIA” filha de Balthazar João Mairink e Maria Dorothea Joaquina de Seixas.



Transcrição:

"Aos oito dias do mez de Novembro de mil setecentos e secenta e sete annos nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pillar de Villa Rica de Ouro preto, baptizei, e pús os Santos oleos a Maria innocente, filha Legitima de Balthazar João Mairinck, e Donna Maria Dorothea Joaquina de Seixas (*Ferrão)***. Foraõ padrinhos o Reverendo Vigario actual Antonio Correa Mairinck, e Maria do Rozario moradora no Rio de Janeiro, e tocou a criansa por procuração da dita o Alferes Theotonio José de Moraes, todos moradores nesta dita freguesia, de que para constar fiz este assento. / O Coad.or João Carv.o da Rosa"***

2 – Já no testamento datado de 02/10/1836, a própria Maria Dorothea se qualifica:



Transcrição:

"... Eu D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, [...] ***Ordeno meu Testamento na forma seguinte.***

Sou natural desta Cid.e filha legitima do Cap.am Balthazar João Mayrink, e sua Mulher D. Maria Dorothea Joaq.na de Seixas ja falecidos.

Instituo por meus Testament.os universaes herdeiros a D. Francisca de Paula Manso Seixas, q.' vive em m.a Companhia, e Anacleto Teix.ra de Queiroga q.' ao presente he rezidente no Rio de Janeiro, p.a

q.' cada hum de per si in solidum possão ser meus Testamenteiros, benfeitores e Administradores de todos os meu bens, [...]

Deixo a eleição da minha Testamenteira as disposições do meu funeral, e só recomendo q.' o meu corpo será sepultado em cova da Ordem de S. Francisco de Assis, e que por minha alma se celebrem quantas Missas de Corpo prezente couber no possivel de esmola de mil e duzentos cada huma, e tambem quero que se digão as de S. Gregorio, e por esta forma hei findo o prez.te instrumento p.r mim feito e assinado nesta Cid.e do Oiro Preto a 2(dois) **8br.**(oitubro) **de 1836. /Maria Dorotheia Joaq.na de Seixas"**

Esse documento, portanto, menos remoto de todos os disponíveis na literatura, assinado de próprio punho por Maria Dorothea, parece-nos o mais legítimo para definição da correta grafia do seu nome qual seja **Maria Dorothea Joaquina de Seixas**.

Ana Cristina Magalhães Jardim, em sua dissertação elaborada para a Fundação da Biblioteca Nacional, analisa essa questão e esclarece com bastante convicção que as discrepâncias se devem aos erros praticados recorrentemente por jornais e escritores que, ora confundiam Maria Joaquina Doroteia ao invés de Maria Dorotéia Joaquina; ora pela suposição de que ela carregava o sobrenome da família paterna (Mayrink); ficando muito claro no que diz respeito ao "Brandão" que este acréscimo é fruto de equívoco praticado por um pesquisador que ao realizar suas pesquisas e até entrevistar Beatriz Brandão prima de Maria Dorothea, claudicou-se ao supor que esta teria também o sobrenome daquela prima entrevistada, entretanto, o sobrenome Brandão era da linhagem paterna de Beatriz e não o da sua mãe, que era irmão da mãe de Maria Dorothea.

Enfim, o descuido ou falta de acesso a uma fonte documental para conferência de detalhe simples e primordial como é o de escrever sobre

uma personalidade, fez com que o erro esteja sendo repetido indistintamente por muito tempo.

Portanto, de acordo com fonte histórica primária o nome a ser considerado correto é **Maria Dorothea Joaquina de Seixas,** sendo certo que o sobrenome "Brandão" definitivamente NÃO tem nenhuma razão lógica para ter sido acrescentado ao nome da patrona ora estudada.

III - Descendência de Maria Dorothea

Reputamos importante realçar a informação contida no resumo acima, acerca da possível existência de um filho, o médico Anacleto Teixeira de Queiroga. Essa especulação repercutida por alguns escritores surgiu em razão da conjugação de alguns fatos, dentre eles: i) a não aparição pública por alguns anos, após o término do noivado com Tomas Gonzaga. A história dá conta de que após prisão e degredo de Gonzaga, Maria Dorothea ficou recolhida na fazenda da família de nome Fundão das Goiabas situada na cidade de Itaverava; ii) havia um outro Ouvidor em Ouro Preto de nome Manuel Teixeira de Queiroga que publicamente enamorava Maria Dorothea iii) Anacleto foi criado por Maria Dorothea como afilhado, filho de sua irmã Emereciana; iv) Anacleto foi contemplado no mencionado testamento de Maria Dorothea.

Essa assertiva é veementemente rechaçada por alguns escritores, dentre eles, com maior ênfase, Thomaz Brandão, primo de quarto grau de Dorothea que se dedicou por anos a escrever sobre a família,

fazendo uma verdadeira defesa da honra dela e da família. Em seu livro publicado no ano de 1932, o autor divulga pesquisas realizadas por vários anos, oscilando entre o conjunto de fontes consultadas e seus relatos pessoais, concluindo que “A biografia de Marilia de Dirceu pode ser resumida em poucas palavras: foi uma donzela de rara beleza que teve a desdita de ser amada e decantada por um poeta infortunado” (BRANDÃO, 1932, p. 11).

A verdade é que na percepção da sociedade ouropretana Anacleto era filho de Maria Dorothea sim, inclusive em razão de algumas ocorrências que só fizeram consolidar essa posição, por exemplo: uma passagem envolvendo o Imperador D. Pedro II, citada pelo historiador português Manuel Rodrigues Lapa, estudioso da obra de Gonzaga e das Cartas Chilenas. Em artigo no Suplemento Literário de Minas Gerais nº 444 (8 de março de 1975), ele escreve: “consta de sua caderneta de anotações, a viagem realizada em abril de 1881, por diversas cidades de Minas Gerais, em companhia da imperatriz Teresa Cristina. Ao estar pela primeira vez na capital da Província mineira, o imperador demora-se em observações e vai até a casa de Marília. Depois de visitar outras localidades, ele retorna a Ouro Preto, quando de novo desce até ao fundo do vale de Antônio Dias, para sabatinar uma aula de meninas e meninos. E anota: “Segui até o chafariz da ponte para ver a neta de Maria de Dirceu (sic), mulher do Carlos de Andrade, que mora perto. Apareceu à janela. É elegante e graciosa; jovem não beleza (sic), tem ar inteligente”.

Tem-se, ainda uma pequena nota de falecimento publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1893, dando conta do falecimento “do major Pedro Queiroga, **neto de Marília de Dirceu,** vítima de lesão cardíaca. Ele era oficial maior aposentado na Secretaria do Interior, dotado de inteligência e por todos respeitado".

Em razão da ausência de registro documental, este assunto ainda tem sido motivo de muitas especulações.

IV - Do Efetivo Papel de Maria Dorothea no Movimento da Inconfidência Mineira.

É consenso entre historiadores e escritores que Maria Dorothea (a Marilia) figura entre as mulheres célebres da história brasileira e universal não apenas por sua beleza e mitificação produzida pelas poesias de Tomas Gonzaga, mas também por ter tido importante participação em fatos histórico-políticos, *in casu* a funesta conjuração mineira.

Como já dito na introdução, não encontramos registros históricos que confirmem a **participação ativa** de **Maria Dorothea Joaquina de Seixas** na **Inconfidência Mineira**. No entanto, sua ligação com **Tomás Antônio Gonzaga**, considerado um dos líderes intelectuais da Inconfidência Mineira com ativa participação nas reuniões conspiratórias, a coloca indiretamente dentro desse contexto histórico, havendo inúmeras considerações de escritores no sentido de que ela

atuava como confidente e conselheira de **Tomás Gonzaga** devido à sua diferenciada cultura e educação.

Alguns aspectos de sua vida pessoal dão ensejo a essa perspectiva de que ela possuía formação e capacidade de ter exercido alguma influência ou atuado como confidente de Gonzaga, quais sejam:

- **Educação e Formação**: Maria Doroteia, proveniente de uma família abastada de Vila Rica, recebeu uma educação que ia além do convencional para mulheres de sua época. Além de aprender leitura e escrita, ela também foi instruída em etiqueta, pintura, jardinagem e música.

- **Participação em Irmandades Religiosas**: Aos 20 anos, ingressou na **Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto**, uma irmandade que exigia prestígio ou indicação para admissão. Sua participação ativa, chegando a ocupar o cargo de ministra da ordem por duas vezes, demonstra seu envolvimento em atividades sociais e religiosas de destaque.

- **Autonomia Financeira e Social**: Em 1815, após a morte de seu pai, Maria Doroteia solicitou emancipação conjunta com sua irmã Emerenciana, adquirindo o direito de administrar seus próprios bens. Essa iniciativa indica uma busca por autonomia e protagonismo em uma sociedade predominantemente masculina.

- **Relacionamento/Noivado com Tomás Gonzaga:** Sua família (pai e tios) tinha vínculos estreitos e serviam oficialmente a Coroa Portuguesa, o que contrariaria a postura da filha e sobrinha de relacionar-se e até noivar-se com Tomás Gonzaga, pessoa escancaradamente inserido no movimento da inconfidência, logo, não tivesse ela o mínimo que seja afeição à causa, pelas circunstâncias das questões envolvidas, não aceitaria firmar o relacionamento ao ponto de marcar casamento.

- **Proteção Família:** Não lemos nada de forma explicita sobre a ilação que será externada agora, todavia, soou-nos bastante crível que sendo seu pai **capitão do Regimento de Cavalaria e seus tios maternos (família Ferrão)**, pessoas influentes, de elevadas patentes na estrutura de gestão do império, pode ter havido certa proteção do nome da jovem filha e sobrinha, de modo a colocá-la completamente à margem, como ficou, de qualquer investigação nos autos da devassa.

V - Conclusões:

Há uma corrente considerável que firma a biografia de Maria Dorothea de forma indissociável da personagem Marília de Dirceu, bem representada pela narração de Ana Cristina Magalhães Jardim, ao concluir uma pesquisa para a Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura:

“Marília é uma peça delicada no painel da Inconfidência Mineira. Uma peça de identificação do lado feminino, um brilho frágil e encantador,

um sacrifício do amor, uma parte poética que insere o movimento e seus envolvidos em um contexto romântico peculiar e fundamental para a imagem que se fez e se faz imaculada de um povo. Um mito em torno do amor é capaz de integrar em torno de si, facções e partidários distintos, é capaz de reunir em vez de polarizar. Essa é a função do mito do amor da musa mineira pelo poeta inconfidente. Marília é parte integrante e fundamental de uma galeria de personagens míticos que compõem a Inconfidência Mineira e, portanto, a formação da identidade nacional brasileira."

Outra corrente, calcada na percepção e imaginário da sociedade ouropretana, não descarta aquele perfil construído com base na estória poética de Marília de Dirceu, entretanto, admite que ela manteve relacionamento amoroso com o já citado Dr. Queiroga, após o degredo de Gonzaga, e embora não haja registro documental, com ele teve pelo menos um filho, o Dr. Anacleto Queiroga. A razão de se ter omitido esse descendente em registros documentais, repousa no fato de que, além de ser pecado ter filho fora do casamento, para os padrões sociais da época, sendo ela de família influente na cidade, comprometida estaria a imagem da família, estabelecendo-se um péssimo exemplo para outras mulheres da tradicional sociedade mineira dos séculos XVIII e XIX. A verdade é que esse fato ou especulação causou alvoroço e repercute até os dias atuais, estando aceso o debate sobre a vida amorosa de Maria Dorothea.

Outra posição, articulada especialmente pelo primo de Maria Dorothea, escritor Thomaz Brandão, o qual também não descarta o

perfil traçado pela pesquisadora Ana Cristina Jardim, todavia, com o claro propósito de defender a honra de sua prima e a da família, diante da infâmia de que ela tivera filhos ou mesmo o tal relacionamento com o Queiroga, tenta assegurar que “A biografia de Marilia de Dirceu pode ser resumida em poucas palavras: foi uma donzela de rara beleza que teve a desdita de ser amada e decantada por um poeta infortunado”.

Minha particular impressão é de que Anacleto era filho de Emerenciana, irmã caçula de Maria Dorothea, creditando essa celeuma a sensacionalismo de escritores que deram corpo a boatos populares.

Por fim, é consenso entre os escritores, historiadores e pesquisadores que, embora carentes de registros documentais, as considerações relacionadas no item IV acima, são suficientes para considera-la personalidade relevante no movimento da inconfidência mineira, havendo os que defendem, inclusive, que o simples fato de ela ter tido o seu noivado abruptamente interrompido, poucos dias antes da data marcada para o seu casamento, face à prisão de Gonzaga em **1789**, fora ela indiretamente alcançada pelas consequências de tal movimento, na medida em que teve sua pretensa condição de esposa do poeta rompido de forma definitiva.

Não se pode desprezar, também, a nosso sentir, o fato de que o namoro de Tomás Gonzaga com a jovem Maria Dorothea (15 a 22 anos de idade), como sói acontecer com todos os homens apaixonados, serviu de estímulo, entusiasmo e coragem para mantê-lo firme no justo propósito

de busca da independência do nosso País, o que também revela significativa contribuição indireta à causa.

Diante dessas conclusões, assevero que me sinto distinguido e honrado em ocupar a cadeira nº 23 representada por uma personalidade que merece todas as homenagens que lhe são conferidas, com o realce de que, como dito alhures, o debate ainda está aberto e muito mais ainda há de ser escrito a respeito de Maria Dorothea Joaquina de Seixas.

Muito obrigado!

Edilson de Oliveira
Cadeira 23
AMML – Academia Maçônica Mineira de Letras

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Historiador Eduardo de Paulo, *in* CONHECENDO DOROTEIA. Link: CONHECENDO DOROTEIA | Sumidoiro's Blog.

JARDIM, Ana Cristina Magalhães. O protagonismo feminino em Minas Gerais: Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (1767- 1853). Temporalidades, v. 11, n. 1, p. 198-224, 2019. *Disponível em https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/download/12684/10017/34338Microsoft Word - 1370215483_ARQUIVO_Anpuh-Ana-Cristina-Magalhaes-Jardim-2013-final.doc*

JARDIM, Ana Cristina Magalhães. Marília de Dirceu: a mulher e o mito; romantismo e a formação da nação brasileira. Editora Appris, 2020. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=JnjpDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT26&dq=Maria+Dorot%C3%A9ia+Joaquina+de+Seixas+Brand%C3%A3o&ots=euEjMw3UNN&sig=JhCE2DN3VR80PiAglO9z7IjDBZQ#v=onepage&q&f=false

Título: Conheça Marília de Dirceu. In: https://museudainconfidencia.museus.gov.br/conheca-a-historia-de-marilia-de-dirceu/

Título: Marília de Dirceu e seus amores, autoria de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais e acadêmico da AML, ocupa a cadeira nº 3. *In:* https://academiamineiradeletras.org.br/sem-categoria/ha-250-anos-nasceu-em-ouro-preto-maria-doroteia-a-musa-do-poeta-gonzaga/

PEREIRA, Cláudia Gomes. A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). Navegações, v. 3, p. 17-26, 2010.

Thomaz Brandão, Marília de Dirceu. Typografia Guimarães, Belo Horizonte (MG), 1932.

Richard Burton, Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Tradução: David Jardim Júnior. Livraria Itatiaia/Edusp, São Paulo (SP), 1976

Osvaldo Mello Braga de Oliveira. As edições de Marilia de Dirceu. Edição Benedicto de Souza. Rio de Janeiro – 1930.

Colecção de Clássicos Sá da Costa. Tomás Antônio Gonzaga, Marília de Dirceu e Mais Poesias. 3ª edição – Livraria Sá da Costa Editora – Lisboa. 1961.

Orestes Rosolia. Marília, A Noiva da Inconfidência – Romance Histórico. Editora Anchieta Limitada – SP. 1941.

Rui Blás. Marília de Dirceu. Romance Histórico. 1934.

Ernesto B.F. de Lacerda. Marília de Dirceu. Tecnoprint Gráfica Editora.

Fernando Cristóvão. Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga ou a Poesia como Imitação e Pintura. Temas Portugueses.

João Batista de Magalhães Gomes. Documentário sobre Marília de Dirceu. Rio de Janeiro. 1966.

Augusto de Lima Júnior. Vila Rica do Ouro Preto. Síntese histórica e descritiva. Edição do Autor. 1957.

UMA CADEIRA PARA BÁRBARA: Em defesa de uma patronesse

Acadêmico: Merivaldo Ferreira Damacena

Cadeira nº 31

Patrono: Antônio Agostino Lobo Pereira

BÁRBARA ELIODORA GUILHERMINA DA SILVEIRA - nascida em São João Del Rei (Comarca de Rio das Mortes) a 3 de dezembro de 1759, filha do Dr. José da Silveira e Sousa e Da. Maria Josefa da Cunha Bueno (neta do Bandeirante Amador Bueno "o Anhanguera"). Faleceu em 24 de maio de 1819 e foi sepultada na Igreja Matriz de São Gonçalo do Sapucaí.

Moça bela, prendada, com formação primorosa, religiosa, social e cultural, o que apenas acontecia às filhas de famílias conceituadas e distintas. Bárbara Eliodora tinha orgulho e consciência. Cultuava as letras e os autores clássicos, dedicava-se à poesia e à música, e frequentava os salões da aristocracia da época.

O Autor Sebastião Martins em “A Dança da Serpente” relata fato pitoresco, curioso quando um Mascate judeu bate às portas da casa do Dr. Silveira: queria expor e oferecer seus panos da Pérsia e da China, camafeus e colares de marfim, entre outros objetos de sua mercancia ambulante. Sabedora de que o pai se achava em decadência econômica, Bárbara não dispensou atenção às mercadorias, mas dirigiu seu olhar para o baralho que caíra da bolsa do judeu, ao que prontamente pediu para ver, perguntando para que serve: *são minhas companheiras, elas conhecem a minha sorte.* Então leia a minha sorte, pediu Bárbara.

Sem ocultar sua contrariedade o Mascate percebeu que diante dele erguia-se agora não mais a menina estouvada mas uma daquelas mulheres rigorosas que conhecera na Capitania de São Paulo, autoritárias, prontas para pegar as armas e defender o seu direito.

Virá um homem belo, montado em um fogoso cavalo e irá desposá-la, disse o misto de mascate e cartomante.

Mas esse é o grande sonho das moças, redarguiu Bárbara: *não desejo ouvir invenções feitas para iludir moças que desejam se casar; quero apenas a verdade.*

Traição, morte, solidão, loucura. A senhora ficará na memória dos homens, para sempre como as grandes rainhas e os heróis. Com tais dizeres o velho Mascate juntou seus panos, ajeitou o casaco empoeirado e partiu.

Dias antes, porém, embora com apenas treze anos, enquanto bordava alguns riscos Bárbara disse a Da. Mara Josefa: *não há nesta terra homens que me sirvam, minha mãe. Prefiro envelhecer sozinha a viver com um deles como esposa. Nada se move aqui. Uns ficaram ricos, outros empobreceram, como papai, mas todos morreram e nada mudou. É tudo sempre igual e triste.*

Ao ouvir a inquietação da filha, Da. Josefa contemporizou: *mas minha filha, o que deseja de diferente? Assim é a vida. Vê aquela aranha que tece a sua teia?*
É tudo como Deus quer.

Impulsiva, como sempre, Bárbara retrucou: *Deus não me fez aranha mamãe. Deus me fez mulher. Eu quero ser um gavião, voar para o alto da serra, livre. Quero voar, voar.*

A formação primorosa de Bárbara permitiu o desabrochar poético, sempre impregnado da ternura religiosa e do olor maternal.

"CONSELHOS A MEUS FILHOS"

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver,
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sábios é o pensar.

Neste tormentoso mar
D'ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar;
De caras a corações
A muitas legoas que andar.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E também podem fallar:
Ha bixinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar;
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes e raparigas
Não sabem mais, que asnear;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem, que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batam ferros vermelhos,
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de um brilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar
Pâra ver uma funcção,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão.
Quem está bem, deixa-se estar.

Devei-vos acautelar
Em jogos de paro e tópo,
Promptos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fábulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

Quem fala, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E póde quem conta os contos,
Mil pontos accrescentar;
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Com Deus e o rei não brincar,
É servir e obedecer,
Amar por muito temer
Mâs temer por muito amar,
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mâs eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

SONHOS

Oh que sonho! Oh! que sonho eu tive n'esta,
Feliz, ditosa e socegada sésta!

Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas transformar-se
Na figura de um indio o mais gentil,
Representando só todo o Brazil.
Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava;
Era thesoiro e juntamente aljava.
De pontas de diamante eram as setas,
As hásteas d'oiro, mas as pennas pretas;
Que o indio valeroso altivo e forte
Não manda seta, em que não mande a morte,
Zona de pennas de vistosas côres
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,

Finos chrystaes, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de sahiras,
Rubins, e diamantes e saphiras,
Em campo de esmeralda escurecia
A linda estrella, que nos traz o dia.
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.
No peito em grandes letras de diamante
O nome da augustissima imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento
Das saudosas palhetas, que afinava,
Pindaro americano assim cantava.

Sou vassallo e sou leal,
Como tal,
Fiel constante,
Sirvo á glória da imperante,

Sirvo á grandeza real.
Aos elysios descerei
Fiel sempre a Portugal,
Ao famoso vice-rei,
Ao illustre general,
Ás bandeiras, que jurei,
Insultando o fado e a sorte,
E a fortuna desigual,
Qu'a quem morrer sabe, a morte
Nem é morte, nem é mal.

HOMENAGEM A IFIGÊNIA.

Amada filha, é já chegado o dia,
em que a luz da razão, qual tocha acesa,
vem conduzir a simples natureza:
- é hoje que o teu mundo principia.

A mão, que te gerou, teus passos guia;
despreza ofertas de uma vá beleza,
e sacrifica as honras e a riqueza
às santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tua alma a Caridade,
que amar a Deus, amar aos semelhantes,
são eternos preceitos da Verdade.

Tudo o mais são idéias delirantes;
procura ser feliz na Eternidade,
que o mundo são brevíssimos instantes.

Cresceu-se, fez-se moça, bonita como a flor do jasmim, olhar atraente e fulminante como o das ninfas do Tejo. Bárbara tinha esplêndida beleza.

Para a nomeação de Alvarenga à Ouvidoria de São João Del Rei, o Marquês de Pombal escolheu o dia 06 de junho de 1775 – aniversário de D. José I, inauguração da estátua equestre de sua Majestade na Praça do Comércio – no centro de Lisboa – e, ainda, dia de se comemorar a reconstrução completa da capital lisboeta.

Agosto de 1.776. Alvarenga se apresentara, no Rio de Janeiro, ao Vice Rei D. Luiz D'Almeida Portugal Soares D'Eça Alarção de Melo e Silva Mascarenhas (O Marquês do Lavradio); em Vila Rica Alvarenga se apresentara ao Governador da Capitania, D. Antônio de Noronha, o Ato Real de sua designação.

Em 19 de agosto de 1776, em Sessão solene no Salão Nobre do Senado de São João Del Rei, o novo Ouvidor recebeu de seu colega Dr. Francisco Carneiro Pinto de Almeida a posse da Ouvidoria da Comarca de Rio das Mortes. Representava o Ouvidor, portanto, a própria justiça Real, zelando pelas ordenações do Reino.

À solenidade compareceu a nobreza sanjoanense, ouvidores das comarcas vizinhas, juízes ordinários, autoridades militares, advogados e membros do clero. Ao término da solenidade, como nunca d'antes visto na Capitania, postou-se o novo ministro para receber os cumprimentos exibindo sua reconhecida simpatia de homem amável e jovial.

Entre os advogados militantes na comarca e que foram cumprimentar o Ouvidor encontrava-se o Dr. José da Silveira e Sousa acompanhado do Comandante de Cavalaria Luiz Vaz e Toledo Piza. Dr. Silveira, aproximando-se do ministro expressou: *a vossa fama de grande poeta o precedeu, Excelência,* disse reverente. *Perdoai a minha ousadia ministro mas permita-me fazer um convite. Saiba que daria imensa alegria a esse velho advogado se aceitásseis ir a minha modesta casa. Eu e minha esposa teríamos muito prazer se tivéssemos a honra de organizar um jantar em homenagem a vossa chegada na cidade. Sei que V. Excelência é homem solteiro e por certo tem outras ocupações mais interessantes, mas tenho certeza de que o senhor não irá se arrepender.* O

Comandante Luiz Vaz de Toledo Piza emendou: *em nenhum outro lugar nesta vila o senhor encontrará moças mais bonitas do que na casa do Dr. Silveira*.

Ao convite o Ouvidor assentiu-se.

Alvarenga tinha um passado turbulento e duvidoso. Filho de um rico comerciante do Rio de Janeiro, onde nasceu, perdeu o pai e a mãe quando criança. O tio o encaminhou para Braga e, depois, aos estudos em Coimbra onde fez amadurecer seu espírito festeiro e folgazão. Durante o período em que frequentou a universidade viveu um ambiente de farra constante: um Dionísio fantasiado de Apolo. Gastava todo o dinheiro que o tio lhe mandava e vivia mergulhado em dívidas com os banqueiros tendo, inclusive, que penhorar o relógio de ouro que o pai lhe deixara. Vivia como se fosse o dono de navio, como bem lhe observou o Dr. Bento Rodrigues de Macêdo, rico banqueiro a quem devia vultosa soma.

Com a formatura o Dr. Alvarenga, pelas qualidades de poeta, homem culto e bem relacionado, recebeu do Marquês de Pombal a nomeação para Ouvidor em Sintra.

Não obstante a qualidade de Juiz, Alvarenga não abandonou a vida de fanfarrão, de gastos e excessos. As dívidas se multiplicaram.

Envolvido em dívidas, o Juiz de Sintra passou a ser motivo de galhofas e brincadeiras, vez que os cobradores não se afastavam de sua porta. A questão das dívidas incomodava e o abalo se agravou quando Inácio foi chamado a responder a processo disciplinar na Corregedoria Judicial, eis que acusado de promover, juntamente com seu escravo, o arrombamento do cofre da *Décima*, uma das províncias de sua jurisdição na comarca de Sintra. Somente após longa e demorada investigação concluiu-se que o arrombamento fora de exclusiva iniciativa do escravo.

Em São João Del Rei conheceu Bárbara Eliodora naquele Sarau que lhe oferecera o Dr. Silveira. Conquistar o coração de Eliodora não foi tarefa difícil, não obstante a moça achar-se comprometida com o Antônio, rapaz de rica família e que foi estudar Medicina em Montpellier.

Em dezembro de 1.778 chancelava-se a paixão de Alvarenga pela jovem sedutora, que rompera o noivado com o estudante de medicina e, ao mesmo tempo enamorou-se de Alvarenga. Naquela mesma noite em que se pediu permissão para fazer a corte, Bárbara se entregou ao Ouvidor.

Bárbara enamorou-se de Alvarenga, não obstante prometida ao jovem Antônio, estudante de Medicina em Montpellier;

Bárbara se engravidou do Ouvidor na mesma noite do noivado;

Eliodora deu à luz a Maria Ifigênia, sua primeira filha, antes de se casar com Alvarenga;

Somente quando a filha Ifigênia, já com dois anos de idade, o ouvidor recebeu permissão episcopal para se casar.

Como bem dissera Da. Josefa: Bárbara não veio ao mundo para dele sair deixando-o tal qual o recebera.

UM VISIONÁRIO CHAMADO ALVARENGA

A inconformidade de Inácio Alvarenga com os excessos da Metrópole na cobrança de Impostos se esboçara desde 1.778 quando, em mais de uma ocasião, mostrou sua inquietação. Mais tarde, sendo um idealizador da Conjuração, as viagens a Vila Rica se multiplicaram, eis que formado o grupo de sustentação da revolta.

Sempre que retornava a casa após as longas reuniões com o grupo de Conjurados, Bárbara era a fonte renovadora das ideias e estratégias a se utilizar.

As pesquisas históricas confirmam que Bárbara participara de algumas reuniões onde a situação era contada à meia voz, isto sempre na casa de João Rodrigues de Macêdo, em Vila Rica; Eliodora deu prova de sua intemerata consciência, e é considerada a heroína da Conjuração Mineira, isto em razão de

sua coragem e, sobretudo, não permitir que seu esposo vacilasse – (FRANCISCO DE LIMA, Bárbara, A Heroína da Inconfidência).

A notícia de que Silvério dos Reis delatara o grupo ao Visconde de Barbacena causou desespero. Mal soubera da notícia Alvarenga encilhou o seu cavalo e partiu para São José Del Rei para ter-se com o Padre Carlos Correa de Toledo, em casa de quem jantou juntamente com os dois Ajudantes de Ordem. Durante aquela noite discutiram os planos da conjura sem que o Ouvidor manifestasse sobre a notícia da delação.

Durante o jantar, no auge das discussões, Padre Toledo volta-se para Alvarenga e lhe diz: *qual foi mesmo o dístico em latim que propuseste? Poderias escrever neste papel? Aqui está a pena.*

Tomado de estranho pavor, Inácio exclama: ***os dedos tenha eu cortados, se pegar na pena para escrever semelhante cousa.***

Estremeceram-se o Padre e o Ouvidor. Em um lapso Alvarenga parece haver recobrado os sentidos, recuperou a calma e prosseguiram na conversação.

Dois dias após Padre Toledo aparece em casa de Alvarenga e noticia a delação de Silvério.

Transtornado, sugeriu-lhe Alvarenga: ***o remédio é V. Reverendíssima delatá-lo ao Visconde*** – referindo-se ao Silvério.

O vigário recusou-se, mas prometeu que mandaria alguém fazer as suas vezes.

Mal retirara o Padre Toledo, veio estar com Alvarenga o Comandante Francisco de Oliveira Lopes que confirmava a notícia da delação e arrematou: ***o miserável nos traiu. Tenho testemunhas do que disse ele aqui a respeito do levante. Hei de também delatá-lo eu.***

Alvarenga estava a sós em sua casa. Embora aparentemente calmo, na qualidade de Advogado e ex-Juiz conhecia tudo sobre as Ordenações do Reino, isto é, sabia que o levante implicava em crime de lesa-majestade.

De súbito uma ideia salvadora fagulhou-se no cérebro. Havia um remédio: a delação. *Silvério, implicado seriamente na inconfidência lançara mão deste meio e fora salvo. Tinha a confiança do govenador. Levava Cartas dele para o Vice-Rei. Porque não imitar-lhe o exemplo? Iria sem demora a Cachoeira. Abjuraria suas ideias, hipotecaria solidariedade ao trono! Revelaria os planos todos do levante. Denunciaria os companheiros. Nada de contemplações, nada de escrúpulos à toa. Importava, antes de tudo, salvar a pele, permanecer ao lado da família amada, juntinho da esposa, cuidando dos filhos, preparando-lhes o futuro. Era este o caminho a seguir. Iria palmilhá-lo. Estava resolvido.*

Bárbara entra em casa e encontra o esposo em lágrimas. Correndo ao seu encontro, logo adivinhou o que poderia estar acontecendo. Alvarenga lhe afirmou a tremenda catástrofe que se aproximava e a sorte cruel que a aguardava, a ela e a seus filhos; e para ele só havia um passo a dar: era ir sem tardança a Cachoeira do Campo para retratar-se perante o Governador. Apenas esse gesto salvaria a si e a família, tal qual acontecera a Silvério.

Olhando-lhe firmemente, respondeu Bárbara, desprendendo o esposo de seus braços para melhor refletir. *Os sonhos se desfizeram, mas não iria ele, o esposo, abjurar aqueles sonhos com ato torpe, uma ação indigna.* Bárbara estava resolvida. Dissuadiu Alvarenga do tenebroso intento, pediu-lhe encarecidamente, com lágrimas nos olhos, que não agisse segundo tencionava.

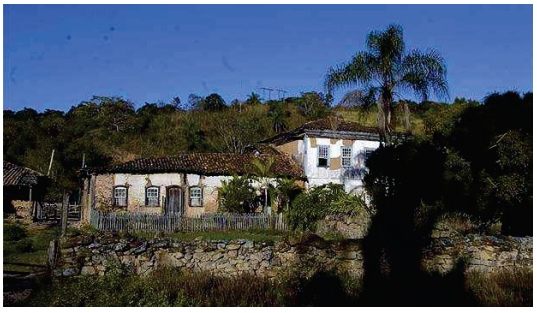
Podem cortar as cabeças do Alvarenga, do Gonzaga, do Alferes e de todos os outros, mas não serão capazes de apagar a vontade que este povo tem de ser feliz.

Alvarenga se convenceu e ouviu finalmente de Bárbara a célebre citação emblemática: *Trair Jamais. "Embora não importa, seja infinito o sofrimento cruel".*

Bárbara venceu a fraqueza de Alvarenga;

Após a derrocada, Eliodora realizou os sonhos empresários de Inácio Alvarenga, duplicando-lhe a fortuna;

Barbara venceu a dor quando da perda da filha Ifigênia em um fatal acidente de viagem.



Bárbara Eliodora foi exaltada como heroína da Inconfidência Mineira por historiadores e poetas, estudiosos e membros da literatura e cientistas polígrafos, não só por sua beleza e cultura como por sua personalidade marcante, que a distinguia dos padrões femininos de seu tempo, e a consciência de sua fidalguia ao honrar sua estirpe e sua pátria – o Brasil.

Seu currículo revela um histórico de mineradora, visionária política e poetisa, além de uma exemplar formação religiosa, social e cultural. Algumas pesquisas exaltam Bárbara Heliodora como “Heroína da Inconfidência Mineira”.

Para o escritor Aureliano Leite em sua obra *"A Vida Heroica de Barbara Heliodora"*, "ela foi a estrela do norte que soube guiar a vida do marido, foi ela que lhe acalentou o seu sonho da independência do Brasil; ... quando ele, em certo instante, quis fraquejar, foi Bárbara que o fez reaprumar-se na aventura patriótica. Disso e do mais que ela sofreu com alta dignidade, fez com que a posteridade lhe desse o tratamento de Heroína da Inconfidência". Por ser esposa de um dos principais mentores do levante, sabe-se que Bárbara também atuara na conjuração. Acredita-se que algumas reuniões tenham se dado na casa de Alvarenga, com a participação da poetisa.

Nos interrogatórios dos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira se nota que os réus, em seus depoimentos, visavam resguardar suas esposas ou companheiras nas

delações. Por isso não há prova histórica de sua participação imediata no movimento. No entanto, se houve de fato participação de Bárbara no episódio da Inconfidência, torna-se Eliodora a primeira mulher no Brasil a participar de um movimento político.

A Academia de Letra São João Del Rei, fundada em 1970, reconhecendo os múltiplos talentos de Barbara Eliodora, quer como poetisa quer como participante do movimento da Conjuração Mineira, a ela reconheceu como Patronesse da Cadeira nº 9, atualmente ocupada pela acadêmica Terezinha de Jesus da Silva.

Pelas múltiplas razões *suso* expendidas, concito os ilustres Confrades a acolherem Bábara Eliodora Gulhermina da Silveira como Patronesse de uma cadeira na Academia Mineira Maçônica de Letras.

BIBLIOGRAFIA

Estatuto da Academia de Letras de São João Del Rei.

FRANCISCO DE LIMA, João – Bárbara: A Heroína da Inconfidência. Editora e Distribuidora de Livros Ltda: São Paulo, 1976.

LEITE, Aureliano - A Vida Heroica de Barbara Heliodora, coleção Biográfica, volume VI do Inst. Histórico de São Paulo.

MARTINS, Sebastião - A Dança da Serpente 1ª edição, Ed Lê: Belo Horizonte, 1990.

SIFUENTES, Mônica – Um Poema para Bárbara – 1ª edição, Ed. Gutemberg: Belo Horizonte, 2015.

SOUZA E SILVA, Joaquim Norberto de - História de Conjuração Mineira . Imprensa Nacional: Rio de Janeiro,1948.

INCONFIDÊNCIA E LIBERDADE

Acadêmico: José Alberto Pinto de Sá

Presidente Emérito

Cadeira Nº 36

Patrono: Antônio Ribeiro Avelar

A cidade de Ouro Branco, predestinada por decreto do imperador D. Pedro II a sediar a AÇOMINAS, a maior usina siderúrgica da América Latina, ornamentada pela serra que lhe dá o nome e depositária de obras ao estilo barroco como a igreja de Santo Antônio, a capela Mãe dos Homens, a Casa Paroquial, trajeto da estrada do Ouro, tão bem narrada pelo historiador Flávio Leão, tendo no seu território a Casa de Tiradentes e pouco além, no município de Conselheiro Lafaiete, antiga Queluz de Minas, vizinha de Congonhas do Campo, hoje somente Congonhas, famosa pelas obras de Aleijadinho, tem, ainda, a enriquecer o seu acervo histórico a AUGUSTA E RESPEITÁVEL LOJA SIMBÓLICA MAÇÔNICA "INCONFIDÊNCIA E LIBERDADE I", comemorando, neste 24 de março, 44 anos de fundação.

Não seria crível, nos dias atuais, afirmar com absoluta certeza que viver 44 anos fiel aos postulados maçônicos contribuindo para a preservação das tradições milenares da Ordem Maçônica, não fosse o ideal de seus fundadores, preconizado na carta de intenções registrada na primeira sessão realizada visando a fundação de uma loja maçônica na cidade e respeitada como cláusula pétrea por todos aqueles que sucederam o primeiro Venerável Mestre e os dedicado membros efetivos do quadro de obreiros dessa Oficina consagrada ao aprimoramento do ser humano como meta de se atingir a plena felicidade da humanidade.

No seu primeiro templo, instalado numa pequena sala na Rua Dom Silvério, cercado de madeirite, com altares construídos pelos seus membros, paramentos e espadas emprestadas, recebemos a honrosa visita do Sereníssimo Grão-Mestre Arlindo dos Santos, de saudosa memória, a quem todos prometemos que na próxima visita

estaríamos em melhores condições de recebê-lo em instalações condignas à nossa Ordem.

E a promessa foi integralmente cumprida, seis meses depois foi construído o novo templo numa casa cedida pela AÇOMINAS, à Rua Aliperti, até a construção da sede atual em terreno adquirido no nosso segundo mandato de Venerável Mestre, templo sagrado pelo Sereníssimo Grão-Mestre Celso Sérgio Ferreira em 2007.

Hoje, mercê do trabalho constante de cada um dos Veneráveis que conduziram o destino da Loja e dos Irmãos que deixaram, cada um deles, sua contribuição para que a modesta sede construída em 2007 se transformasse nessa portentosa e bela edificação.

Nestes 44 anos a "Inconfidência e Liberdade" cumpriu o seu dever e se manteve incólume ao modernismo exagerado que altera fundamentalmente a estrutura da Maçonaria, marcada pela tradição dos seus costumes, avessa aos modismos de época, fiel aos ditames enraizados nos conhecimentos originários da Ordem desde os primórdios de sua existência.

PROCURA-SE UMA LOJA GOSTOSA NA MAÇONARIA

Acadêmico: Márcio dos Santos Gomes
Cadeira Nº 2
Patrono: Cláudio Manuel da Costa

"O ótimo é inimigo do bom" (Voltaire)

Era uma vez, em um Oriente distante, uma Loja gostosa.

Parafraseando o consultor americano Jim Collins, em seu livro "Empresas feitas para vencer", ousamos especular: não temos ótimas Lojas, principalmente porque temos boas Lojas.

Não faltam críticas ao funcionamento de nossas Oficinas, em especial no que se refere à gestão e qualificação dos obreiros. Um questionamento recorrente é: vale a pena o desgaste pela exigência em relação ao atingimento do "ótimo" e criar um clima onde nem o "bom" seja alcançado?

Alguns irmãos comentam que, conforme o contexto, a paz é mais preciosa do que a perfeição. Outra corrente afirma que é melhor colocar o sarrafo ou a régua bem no

alto mirando algo desafiador do que se contentar com a mediocridade. O tema é controverso, pois o que é bom para alguns não o é para outros, porém o que fazemos de melhor pode sempre ser incrementado.

Sem sofisma, equivoco ou reserva mental que possam criar obstáculos, combater o discurso pela busca da perfectibilidade não pode ter como fim a acomodação e implantação da mediocridade. O foco dever ser sempre: ainda podemos fazer muito mais! Desdenhar o planejamento e projeção do futuro compromete a sobrevivência de qualquer forma de organização. O que nos espera lá adiante não pode ser uma confirmação do atraso. "Não devemos ter medo das novas ideias! Elas podem significar a diferença entre o triunfo e o fracasso" (Napoleon Hill).

Em algumas Lojas, gestores com deficiência na habilidade de liderança não permitem que obreiros se destaquem, principalmente os mais jovens. Ainda que em menor número, alguns veteranos contaminados pela síndrome do "*esse cara sou eu*", ensejando uma pompa sabichona, têm dificuldades em continuar a aprender e sair da zona de conforto, pois fazem o que fazem da mesma maneira há anos e ainda gozam de relativo sucesso entre os pares. Precisam de uma Loja para chamar de sua. E são felizes nesse autoengano, em especial quando ouvem que são repositórios de grande saber maçônico e festejados exemplos a serem seguidos. Possuindo um fraco por elogios, e por vezes protagonizando momentos de fofura e disfarçada carência, adoram afagos e sempre esboçam um sorriso brejeiro e uma falsa expressão de encabulamento. Com descarada falsa modéstia, respondem aos elogios: menos, menos!

Na realidade dinâmica, temos a concorrência de Lojas que atraem bons candidatos por estarem acima da média e não se contentam com pouco. Nelas, Aprendizes e Companheiros não são meros espectadores e têm suas potencialidades exploradas[1]. São Oficinas bem geridas, disciplinadas na ritualística, ricas nas atividades e observam o cumprimento das regras. Em geral têm belos projetos sociais e são respeitadas pela comunidade.

Como as notícias correm, e impedidos de chegar ao ótimo individual, muitos iniciados recentes, talentosos e

[1] Sugestão de artigo - https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2023/05/09/aprendendo-com-aprendizes-e-companheiros/

com vontade de se desenvolverem, munidos de coragem e em busca de desafios, procuram outras Oficinas com ambiente de aprendizado e de coisas boas para fazer, como acontece frequentemente no mercado de trabalho. O pior é quando, desiludidos, abandonam a Ordem, pois uma eventual propaganda negativa desmotiva a captação de candidatos potenciais.

Temos conhecimento de situações em que novos irmãos sugerem mudanças e são criticados por sonharem com melhorias e sofrem do descrédito daqueles que apenas desejam uma Loja gostosa de frequentar, com sessões rápidas, tranquilas, sem muitos desafios e que, de preferência, não abra espaço para debates, silenciando aqueles que tentam abespinhar os velhos Mestres demandando reflexões mais profundas. Gestores dessas Lojas atuam no sentido de que a dinâmica do poder não sofra ameaças e tudo permaneça sob o mais absoluto controle e apatia.

Mesmo quando gestores mais modernos tentam alterar o *status quo*, a reação da velha guarda é automática, alegando que sempre foi assim e que administrações anteriores teriam sido mais exitosas, constrangendo, vez por outra, o Venerável Mestre que se vê tolhido em suas iniciativas mesmo ao fazer das tripas coração.

Quase sempre, alguns rabugentos[2], ao decantar feitos do passado e o quanto fizeram pela Loja, ameaçam deixá-la, sair da maçonaria caso alguma mudança seja implantada. Com falso pudor, reafirmam que é assim que pensam etc. e tal, posam de sábios e terminam a fala dizendo: “era o que continha Venerável Mestre, desculpe a sinceridade!”. Em seguida, sentam-se triunfantes. Impávido, visivelmente controlando as emoções, o VM prossegue, e a Loja silenciada caminha ligeira para encerrar a sessão e continua gostosa, como sói acontecer. A dinâmica das sessões não sofre ameaças e tudo permanece sob o mais absoluto controle. Supimpa! Porém, caso fechem as portas, a comunidade a que pertencem não sentirá a menor falta, cabendo aos obreiros procurar outras Oficinas.

Mas a história não termina aqui. Como toda moeda tem dois lados, não poderíamos deixar de registrar a situação daqueles irmãos que não conseguem

[2] Vejam artigo: https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2018/11/01/o-irmao-rabugento/

acompanhar o ritmo das Lojas de alto desempenho e logo “vazam na braquiara” (sic), segundo comentários na Sala dos Passos Perdidos, à procura de uma Loja gostosa, **preferencialmente aquela em que o intervalo entre a Iniciação e a Exaltação seja o mais curto possível** (destacamos), que não exija trabalhos e estudos, para se acomodarem à sombra das colunas e apenas curtir o lado social da Maçonaria, o imprescindível companheirismo, sempre regado com farta comilança.

João Guilherme – Revista Engenho e Arte

Não raras vezes irmãos com esse perfil costumam levar junto outros que já deram o que tinham que dar e que vivem a decantar feitos do passado e exaltar suas próprias qualidades, e não se sentem à vontade junto às novas gerações que entram com toda força e vigor. Parodiando Millôr Fernandes, aqueles que veem a Maçonaria com um grande passado pela frente. Que sejam ambos felizes, pois continuamos irmãos! Cabe ainda um lembrete muito importante: sempre há vagas em Lojas gostosas.

Refletindo sobre a afirmação do físico dinamarquês Niels Borh de que “fazer previsões é difícil, especialmente sobre o futuro”, não podemos arregar e permitir que nossas Lojas sejam eternas devedoras de um rol de seres especiais que resistem a mudanças, irreverentes, aferrados a uma forma de pensar, de olhos fechados à evidência dos fatos e que sonham apenas em desfrutar da companhia dos irmãos, reclamando por comendas, homenagens, aplausos e mais aplausos, comprometendo seriamente a dinâmica das Lojas, que seguem o destino traçado por Lewis Carroll no qual quanto mais Alice caminha mais longe fica do seu destino. No caso vertente, as Lojas andam para trás mesmo. Não podemos descurar das tradições, do legado recebido e a entregar às próximas gerações.

A verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas escapar das antigas

(John Maynard Keynes).

Publicado no Blog O Ponto Dentro do Círculo, em 01.04.2025:
https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2025/04/01/procura-se-uma-loja-gostosa-na-maconaria/

MAÇONARIA E O EPÍTETO DE RELIGIÃO

Porque a Maçonaria não deveria de se preocupar com isso.

Aroldo de Albuquerque Vergara[1]

RESUMO

Seria a Maçonaria uma religião ou não? Esse trabalho tem como finalidade elucidar tal interrogação, demostrando como se deve classificar uma religião através de alguns autores, e como esse termo "religião" é falho ao tentar determinar o que se propõe. Ou seja, justamente, denominar com um único epíteto o que se classificaria como elemento de manifestação que envolve diversas tradições religiosas com características extremamente diferentes umas das outras. Mostrando assim, que o termo não cumpre a sua função, principalmente para caracterizar a Maçonaria como "religião".

INTRODUÇÃO

A Maçonaria é uma Ordem iniciática pouco compreendida, tanto por alguns de seus membros, quanto pela comunidade em geral.

Muitas das vezes taxada de seita, heresia, adoradora do demônio e, em alguns casos, sendo compreendida como *"religião"* mesmo.

[1] Mestrando em Ciência da Religião pela UFJF, bacharel em filosofia pela Uninter, tecnólogo em processos gerenciais pela Unopar, MBA executivo em gestão empresarial pela Unifagoc, especialista em maçonologia – história e filosofia pela Uninter, especialista em Antropologia pela Faveni, especialista em Teologia pela Universidade Estácio de Sá, Mestre Instalado membro do Grande Oriente do Brasil, membro do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o R∴E∴A∴A∴, membro da A∴R∴L∴S∴ Acácia do Paraibuna nº 1691, Federada ao GOB. e-mail: prof.aroldovergara@gmail.com.

Tais acusações difamatórias, foi o que, provavelmente, levou os maçons a se empenharem por uma busca incansável para tentar mostrar aos não iniciados na Ordem, que ela não era uma *"religião"*, mas sim uma Ordem filosófica e fraternal.

No entanto, será nesse contexto de muito desconhecimento que surge a ideia por parte daqueles que não são membros da Maçonaria de rotulá-la como *"religião"*, tendo em um polo oposto membros da Ordem que buscam de diversas maneiras descontextualizar essa rotulação de *"religião"*.

Diante desse cabo de guerra social que convém a pergunta: seria a maçonaria uma *"religião"* ou não?

Dessa forma, tentaremos responder a esse questionamento demonstrando que a conceituação quanto ao que é ou não *"religião"* é muito frágil, devendo ser cautelosamente analisada tendo em vista a dificuldade de conceituação e compreensão do termo por parte dos cientistas que estudam os fenômenos religiosos.

Diante disso, faremos uma revisão bibliográfica dos principais autores e pesquisadores da ciência da religião, visando que esse trabalho tenha justamente como objetivo a orientação e a desmistificação do senso comum quanto a esse assunto polêmico que é o de rastrear dentro do fenômeno Maçonaria, o que lhe concerne a conceituação de *"religião"*, ou não.

Buscaremos também orientar aos membros da Maçonaria, e aos não membros, o que realmente podemos entender quanto a utilização do termo: *"religião"*. Mostrando que o termo se perde em uma falta de contextualização em sua objetividade, o que nos leva a propor, seguindo outros autores, o abandono do termo *"religião",* e que diante disso, não há motivos para que a Maçonaria se preocupe com tal alcunha que lhe é conferida.

RELIGIÃO E SENSO COMUM

Sempre que pensamos em religião, temos em nossas mentes a manifestação subjetiva inconsciente que nos remete a imagem de elementos conceituais representativos daquilo que passamos a vida inteira sendo condicionados a entender como verdade. Ou seja, sempre que pensamos ou falamos a palavra "religião", esse verbete virá acompanhado do entendimento que nos fará compreender, em imagens mentais, que nos mostram como resposta a essa palavra conceitual o catolicismo ou o protestantismo, por exemplo, na maioria das vezes. Há um porque para essa assimilação e compreensão subjetiva da palavra "religião", que será mostrado mais a diante.

Esse é o senso comum que envolve a conceito entorno da palavra "religião".

Muito temos visto em artigos e livros, principalmente os ligados a qualquer tradição religiosa, que tentam conceituar a maçonaria como “religião”, ou, como seita. Assim, como vemos um número significativo de obras que tentam provar o contrário. Podemos nos interrogar com a seguinte pergunta: quem está com a razão?

A resposta para tal questão é mais simples do que se imagina: os dois.

Como iremos conceituar essa palavra mais adiante, por enquanto convém manter uma orientação quanto a algumas manifestações que separamos para instruir quanto a conceituação de ser ou não “religião” a Maçonaria.

Há uma dificuldade junto a Ciência da Religião em compreender a conceituação do que significa “religião”. E isso fica claro em toda a literatura pesquisada, o que nos leva a essa ambiguidade da resposta ao apontar que os dois lados estão corretos justamente por haver essa dificuldade em conceituar o que seja “religião”.

Nós enquanto pesquisadores da Ciência da Religião, caracterizaríamos o conceito de “religião” como: uma manifestação cultural, que faz uso de símbolos, mitos e ritos para transmitir suas mensagens e alcançar seus objetivos, sejam quais forem, como, por exemplo, uma melhora na condição moral do indivíduo.

Como podemos observar, há uma aproximação muito grande com o papel que a Maçonaria tende a desenvolver no desenvolvimento de seus iniciados, dentro do que, enquanto pesquisadores, usamos como balizador para orientar o que viria a ser “religião”.

Eis um dos motivos para tanta convergência de ideias daqueles que a entendem como uma “religião”, assim como está aí o motivo pelo qual os mesmos estão certos. Além do mais, a Maçonaria faz uso de mitos presentes na cultura judaico-cristã em seus rituais, onde cada rito apresenta de uma forma própria, principalmente os ritos teístas, esses elementos como forma pedagógica para desenvolvimento moral e espiritual de seus membros. Ainda há dúvidas de onde está a certeza de ela, a Maçonaria, ser entendida como religião?

Essa conceituação que estamos passando, não é usada unicamente para a Maçonaria, e muito menos para dar-lhe a alcunha de “religião”. Essa conceituação é a que esse autor faz uso, enquanto pesquisador, para definir o que seria objeto fenomenológico de estudo empírico para a Ciência da Religião, determinando o que deve ou não ser pesquisado como manifestação religiosa. E a Maçonaria é um desses casos que temos como objeto a ser estudado, justamente por se enquadrar nessas condições, o que faz com que venhamos a entendermos como fenômeno religioso aos olhos da Ciência da Religião. Embora, um fenômeno religioso não seja religião, devemos manter a diferença nos verbetes.

E porque o lado contrário, ou seja, aqueles que defendem a Maçonaria como não sendo uma "religião" estão também certos da alegação?

Vejamos nas palavras do autor Ailton Elisiário de Sousa, em seus artigos Maçonaria e religião, que embora exista no estudo do autor elementos conflitantes e que não irei buscar aqui refutações ao trabalho, mas servirá para entendermos onde aqueles que defendem não ser a maçonaria uma "religião" apresentam seus pontos de vista para a ratificação de suas posições.

> É preciso, pois, que isto fique aqui ressaltado, para que se entenda "ab initio" de que a Maçonaria diz, por todas as potências e obediências, que ela Não é uma Religião. Imprime em seus documentos, rituais e declarações oficiais esta posição. Seus argumentos para tanto iremos apresentar, a título de justificativa e prova desta verdade (SOUZA, 2017, p 2).

Cabe ressaltar que a condição de ser ou não "religião" está diretamente ligada a características sociológicas e antropológicas como já mostramos. Porém, não são apenas essas qualidades científicas positivas que vão determinar o que realmente é caracterizado como "religião", mas também a forma como os membros desse grupo específico a identificam. Onde serão essas algumas das questões de estarem os dois lados corretos em suas afirmações teóricas.

Pois bem, no dicionário de Ciência da Religião, na conceituação da palavra "religião", podemos observar como é complicado o uso desse verbete para designar fenômenos que possam ser entendidos como "religião". E não é somente isso, manter um espectro fechado de observância, nos conduziria ao erro pragmático em um parâmetro discriminatório, pois poderíamos deixar de lado manifestações religiosas como o budismo, por exemplo, por não se enquadrarem em algumas condições preestabelecidas como a crença em um ser superior conforme se caracteriza no monoteísmo, ou em vários deuses no politeísmo. Assim está descrito no dicionário.

> A questão relativa ao que é religião e como ela difere da "não religião" representa um problema contínuo cuja relevância não se limita ao mundo científico. Ela atinge instâncias e extra-acadêmicas, como, por exemplo, a das instituições encarregadas de decidir que organizações da sociedade contemporânea devem ser rotuladas "religiosas" – o que pode impactar, por exemplo, a cobrança ou isenção de tributos como imposto de renda.

Ora, fica visível que a conceituação ou não do que seja "religião" gera impactos dentro e fora do meio acadêmico devido a sua complexidade, o que leva a irmos mais além nessa questão: estaria algumas das Lojas maçônicas interessadas em pagar tributos apenas para

sustentar a ideia de não ser qualificada como "religião"? Além do mais, é diante dessa dificuldade prevista pela Ciência da Religião, que não vemos como de grande utilidade determos atenção em refutar a alcunha que é dada a Maçonaria por alguns de seus detratores e, até mesmo, por alguns de seus adeptos. Pois como iremos ver mais adiante, fica difícil a descaracterização da Maçonaria como "religião", assim como também a sua caracterização.

COMO ALGUNS AUTORES CONCEITUAM O QUE É RELIGIÃO

Veremos agora a diversidade de pensamentos que há ao se tentar conceituar o que é "religião", onde ficará evidente a observação de que há uma multiplicidade de entendimentos relativos ao conceito, porém, com algumas similaridades. Mas, como será exposto, há conceituações que diferem e deixam essa tentativa conceitual muito ampla e nada precisa, e isso é fruto justamente da complexidade que há em se tentar criar um conceito que atenda o que compreendemos como *"religião"* na modernidade.

Então, seguindo o objetivo de nos aprofundarmos no pensamento de alguns autores, daremos início com Frederico Pieper, que evita definir o que é *"religião"*, mas aponta para uma multiplicidade de possibilidades de definição, porém, critica se não seria a hora de questionar tais conceitos (PIEPER, 2019, p 8).

O autor deixa claro a dificuldade de se definir um termo que conceitue o que entendemos como *"religião"*, principalmente porque se formos observar os termos semelhantes em outras esferas culturais, não encontraremos palavras semelhantes para descrever o que se compreende como *"religião"* em nossa visão ocidental.

> O termo religião é constitutivo do léxico ocidental, não encontrando correspondentes em muitos sistemas linguísticos. Isso significa, de início, que muitas pessoas são ditas "religiosas" sem conhecer nenhum termo em sua própria língua que corresponda a essa "coisa" ou região da cultura que assim denominamos (PIEPER, 2019, p 8).

Para Pieper, Max Weber também se recusa a definir religião com a sua argúcia quando inicia seus estudos sociológicos (PIEPER, 2019, p 8). Uma definição daquilo que "é" religião é impossível no início de uma consideração como a que se segue, e, quando muito, poderia ser dada no seu final (WEBER, 2004, p. 279 apud PIEPER, 2019, p 9).

O referido autor mostra-nos que há uma gama de possibilidades para a conceituação da palavra *"religião"*, porém ele evita abordar e buscar uma definição, citando Weber que fez

o mesmo, apontando que devemos questionar o uso desse conceito dentro do seu espectro usual.

Outro autor que segue essa mesma linha de pensamento é Talal Asad. Para Asad, a *"religião"* é uma construção moderna e, que a sua definição é uma estratégia para os liberais seculares em defesa dos cristãos liberais, de forma a manter uma separação de política e *"religião"* como um constructo histórico moderno pós-reforma. Para Asad:

> O meu argumento é que não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos. (ASAD, 2010, p. 264).

Assim como Pieper, Asad traz também outro autor, nesse caso Geertz, para uma orientação quanto a pretensão de uma definição *"universal e antropológica"*, propondo que uma *"religião"* seja:

> (1) Um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, P. 67 apud ASAD, 2010, p. 265).

E segundo Asad, essa concepção de factualidade é passada através dos símbolos que representam qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo, ou seja, a concepção é o significado do símbolo (ASAD, 2010, p. 265).

Agora, seguindo a concepção de mais um autor, Paul Tillich, que nos aponta haver algo de religioso no ser humano, e a sua saída do paraíso mostra a alienação em si, o pecado original que consome a humanidade, e que o ser humano diante dessa situação busca constantemente sua reunião com o divino, sendo essa reunião realizada através da fé. E o seu conceito de fé é o ponto principal para compreendermos sua concepção de *"religião"*. Pois em Tillich, o conceito de *"religião"* está atrelado ao mesmo conceito de fé, como um significado mais amplo e não restritivo em um único termo, como *"religião"* apenas. Já que para ele, o conceito de *"religião"* é mais estrito, levando os seres humanos a conceberem um conceito que se supõe ser um grupo organizado composto por um clero, escrituras e dogmas, uma concepção tipicamente ocidental e restritiva do conceito.

> Se religião é definida como o estado de "ser agarrado por uma preocupação última" – que é também a minha concepção de fé – então deveremos distingui-lo, como um conceito universal e amplo, de nosso usual conceito mais restrito de religião, o qual supõe um grupo organizado com seu clero, escrituras e dogmas, pelos quais um

> conjunto de símbolos da preocupação última é aceito e cultivado na vida e no pensamento. Isso é religião no sentido mais estrito do termo, ao passo que religião definida enquanto "preocupação última" é religião no sentido mais amplo do termo (TILLICH, 1996, p. 4 apud ROOS, 2022, p. 30 – 31).

O autor nos traz como o significado de *"religião"*, o que podemos interpretar em uma visão bastante limitada e comum relativa ao termo, idealizada por uma abundância de pessoas, que é justamente o de imaginar um grupo organizado formado por um clero com suas escrituras e dogmas. Esse sentido para o autor, seria uma visão bastante restritiva do seu real significado e, portando, Tillich faz a sua definição da mesma forma como ele conceitua fé, trazendo para uma caracterização mais ampla em seu sentido. Sendo assim, pensar a fé ou a *"religião"* como possibilidade de reestruturação é possível porque o estar possuído por algo que toca o ser humano incondicionalmente é entendido como um ato da pessoa inteira (ROOS, 2022, p. 31).

É justamente no conceito de fé em Tillich que manteremos o foco da nossa atenção para compreendermos como se dará o sentido mais amplo do termo *"religião"*, pois como já citado por Roos, a reestruturação que é justamente a reunião do ser humano ao divino, é feita por intermédio daquilo que o toca incondicionalmente.

Assim, fé é o estado em que se é possuído por algo que nos toca incondicionalmente (TILLICH, 1996, p. 6 apud ROOS, 2022, p 25), é a sua preocupação última citada por Tillich no seu livro Teologia sistemática (2005).

> É o correlato de uma preocupação incondicional, mas não é uma "coisa superior" chamada o "absoluto" ou "o incondicionado", sobre o qual se pudesse argumentar com fria objetividade. O último é o objeto de uma entrega total, exigindo também, enquanto olhamos para ele, a entrega de nossa subjetividade. É uma questão de paixão e interesse infinitos (Kierkegaard), transformando-nos em objetos sempre que tentamos transformá-lo em nosso objeto (TILLICH, 2005, p. 29 apud ROOS, 2022, p. 24 – 25).

Podemos inferir em Tillich, através de Roos (2022), que vê o centro de sentido do pensamento de Tillich em uma tradução mais precisa como uma "seriedade incondicional". Então, a fé, que é preocupação última, surgirá através daquilo que toca o ser humano incondicionalmente, despertando sua entrega total por meio de uma seriedade incondicional. Portanto, voltemos a Tillich.

> "Não há nada que você tome com seriedade incondicional? Pelo que, por exemplo, você estaria pronto a sofrer ou até mesmo morrer?" Então você descobrirá que até mesmo o cínico toma seu cinismo com seriedade incondicional, para não falar de outros, que podem ser naturalistas, materialistas, comunistas, ou o que quer que seja.

> Eles certamente tomam algo como seriedade última (TILLICH, 1965, p. 8 apud ROOS, 2022, p. 25).

Outro conceito de *"religião"* é o de que ela é um elemento social que as manifestações religiosas exprimem a realidade cultural e coletiva de uma sociedade.

A *"religião"* serve para explicar aquilo que a ciência não consegue explicar, uma especulação do sobrenatural, assim o mundo é um mistério que pede para ser explicado por intermédio de uma crença na onipotência, um elemento que se sobrepõe a inteligência humana. Desse modo, temos a conceituação de Émile Durkheim em: as formas elementares da vida religiosa.

Durkheim, assim como muitos autores contemporâneos, não encontra uma forma única para conceituar *"religião"*, pois a mesma, como já citado pelo autor, é um elemento social, manifestando a realidade "coletiva". Com isso, ele encontra diversas formas de manifestações religiosas, da mesma forma como existem diversas formas de sociedade, e diante das diversidades culturais e de manifestações, ele faz uso de outros autores para contemplar aquilo em que pauta seu conceito.

Um bom exemplo dessa exposição é, quando Durkheim faz uso de Réville para significar o que chamou de uma das diversas formas de se "conceituar a religião", tal que seria através da definição de um conceito para a palavra "divindade", que é a determinação da vida humana pelo sentimento de um laço que une o espírito humano ao espírito misterioso, cuja denominação reconhece sobre o mundo e sobre si e ao qual gosta de se sentir unido (RÉVILLE, p. 34 apud DURKHEIM, 1960, p. 60).

Muito embora para o autor, essa passagem ainda deixe de fora diversas outras formas de manifestação de divindade, que se apresentam em vários formatos conforme as manifestações sociais.

> As almas dos mortos, os espíritos de toda espécie e de toda ordem, com que a imaginação religiosa de tantos povos diferentes povoou a natureza, são sempre objetos de ritos e, às vezes, até de culto regular; e, no entanto, não temos aí deuses no sentido próprio da palavra. Mas para que a definição os englobe, basta substituir a palavra deus pela palavra ser espiritual, mais abrangente (DURKHEIM, 1960, p. 60).

Ora, podemos compreender que a *"religião"* é uma manifestação cultural presente em diversas sociedades culturalmente diferente e, que essa manifestação faz uso da divindade como forma de denominação e explicação do mundo humano. Muito embora, exista diversas

formas de divindades assim como existem diversas formas de sociedade, mesmo que essas divindades não sejam consideradas deuses. Porém, para que, segundo Durkheim, essas divindades possam ser entendidas como um elemento de importância para um conceito religioso, chegando ao patamar de uma divindade onipotente, basta mudar o nome de deus para uma proposição mais abrangente. Ou seja, para que se torne "Deus", basta alterar o nome para um "ser espiritual" mais abrangente, não importando o nome que se dê, desde que seja uma figura que simbolize e signifique o mundo ao ser humano.

Até aqui já trouxemos o conceito de *"religião"* em alguns autores e mostramos que o termo *"religião"* é uma palavra com uma ampla possibilidade de entendimentos, o que provoca problemas de interpretação pela sua origem moderna e não definida, surgida em um momento histórico que visava uma restauração do sistema católico vigente diante da secularização que se espalhava pela Europa.

A palavra é vista como uma polissemia por Marcelo da Luz, ou seja, um fenômeno linguístico caracterizado pela variação de sentidos, já que, segundo o autor, nem toda manifestação vista como religiosa se enquadraria no termo *"religião"*, principalmente em culturas não ocidentais, onde haveria muitos grupos religiosos que não aceitam o termo "Deus" no sentido monoteísta ocidental expresso pelo termo *"religião"*.

É o caso relatado por Durkheim (1960, p. 61), onde cita como exemplo o Budismo, que seria uma *"religião"* sem Deus, manifestando a ausência dessa figura onipotente, onisciente, onipresente e boa, sendo essas características dadas a divindade das religiões monoteísta. Em suma, a *"religião"* sem Deus seria uma *"religião"* "deísta" em um sentido mais estrito da palavra.

> Contudo, essa acepção não alcança todas as manifestações reconhecidas como "religiosas" em muitas culturas não-ocidentais, pois nem todos os indivíduos e grupos religiosos admitem a noção do "Deus" supremo. O conceito clássico de religião em sentido lato, ao modo de submissão voluntária ao "Deus" todo-poderoso, aplica-se ao entendimento das tradições monoteístas, mas é incompatível com muitas outras manifestações ditas "religiosas" desvinculadas da noção do ser onipotente, onipresente, onisciente e bom, o qual teria criado todas as coisas (LUZ, 2011, n.p.).

O autor manifesta o mesmo entendimento a respeito do termo *"religião"*, compartilhado por diversos outros ao se referir a notória dificuldade da conceituação. Que também nos mostra o quão complexo é tentar classificar o que se enquadra ou não como religião.

> A maioria das pessoas pertencentes a grupos religiosos, assim como a maior parte daquelas antagônicas a quaisquer credos, não suspeitam quão grande é o volume dos complexos estudos para a determinação da natureza do tema "religião". A ubiquidade geográfica do fenômeno e a multiplicidade cultural dos grupos humanos envolvidos dificultam a construção de uma definição unívoca (LUZ, 2011, n.p.).

Ainda no autor, de modo geral,

> nas culturas ocidentais, o substantivo *religião* designa o sistema de doutrinas e preceitos de fé, a instituição sagrada. Tal instituição compreende elementos intelectuais, rituais, éticos e sociais unificados sob a égide da crença num horizonte transumano, seja este sobrenatural ou idealístico, descrito em forma de mito ou doutrina dogmática (LUZ, 2011, n.p.).

Em uma conceituação bastante ampla, o autor tenta conceituar o termo *"religião"* nas culturas "ocidentais", compreendendo como uma "instituição" sagrada dotada de elementos intelectuais, rituais, éticos e sociais unificados, sob a fé em um elemento transcendente.

Fica claro e contundente que a Maçonaria poderia sim ser caracterizada como uma religião, segundo o pensamento de Marcelo Luz, pela designação ocidental do termo enquanto substantivo, o que piora quando o autor analisa gramaticalmente agora o adjetivo *"religioso"*, onde ele apresenta 35 variáveis encontradas em tradições espirituais que poderiam ser colocadas para identificar entidades ou grupos que estariam ligados diretamente com o adjetivo religiosos.

Não citaremos as 35 variáveis descritas pelo autor, apenas aquelas que consideramos importantes ao artigo para mostrar como poderemos conceituar a Maçonaria como elemento religioso.

> 03. Códigos morais e preceitos reguladores do comportamento dos fiéis;
> 04. Comunicação com esferas consideradas transcendentes (orações, litanias, invocações);
> 05. Delimitação de espaços sacros e profanos;
> 09. Dualismo corpo-espírito;
> 16. Manutenção de liturgia ou rituais estabelecidos;
> 19. Perpetuação de mitos e escrituras sagradas;
> 21. Pertença ao grupo, comunidade ou igreja mediante rito de iniciação;

Então, como debatido até aqui, a Maçonaria apresenta elementos antropológicos e sociais característicos suficientes que a enquadram de forma muito lúcida dentro de algumas dessas 35 variáveis apresentadas por Luz para caracterizar o religioso, lhe dando um entendimento de entidade que apresenta manifestações religiosas, inclusive dão elementos científicos suficientes para a sua conceituação como *"religião"*, muito embora exista uma

busca incessante por parte de seus membros em tentar de forma hercúlea a negação dessa conceituação.

Essa conceituação da Maçonaria como *"religião"* pode ser vista também nos autores que já apresentamos, onde poderemos interpretá-los e entendermos a Maçonaria como *"religião"*, assim como segue em nossa argumentação.

Como podemos observar, a Maçonaria faz uso de símbolos e alegorias para transmitir seus ensinamentos, que se baseiam em conceitos éticos ensinados por elementos teológicos presentes no pentateuco judaico-cristão, os quais precisam penetrar no maçom para que essa didática seja eficiente.

Desse modo, nos mostra o quanto poderemos classificá-la como uma *"religião"* ao levarmos em conta as observações antropológicas de Talal Asad aqui citadas.

Seguindo no pensamento de Tillich, toma-se um caminho ainda mais tenebroso para o que almejam os membros da Ordem, que é desvincular Maçonaria de ser vista sob o conceito de uma *"religião"*. Já que fica claro que desde o momento em que a Maçonaria desperte uma seriedade incondicional em seus membros, a mesma poderá ser entendida como *"religião"*, segundo o pensamento de Tillich, no seu sentido mais amplo, saindo da restrição gerada ao associar *"religião"* aos termos de grupo organizado com um clero, escrituras e dogmas.

Ora, a inferência em determinar a Maçonaria como sendo "religião" com Tillich, ganha ares de compreensão de grande objetividade, pois o autor delimita o que é grupo religioso em um sentido restrito, e amplia para uma concepção de compartilhamento conceitual entre fé e *"religião"*, o que colocaria a Maçonaria obviamente na conceituação de *"religião"* no sentido amplo, bastando apenas o ponto de vista de um único membro em se ter na Maçonaria sua preocupação última, para que o conceito se aplique nesse caso.

Por fim, a Maçonaria é uma manifestação "cultural", diferenciando-se de estado para estado, país para país. Uma sociedade com regras e normas de conduta, com suas Leis, Governo, Tribunais, e é entendida como tal (sociedade discreta). Assim, ela possui uma divindade na qual lhe é obrigatória a manifestação de crença, o Grande Arquiteto do Universo. Seja ele, o Grande Arquiteto do Universo, visto de forma teísta ou deísta, analisando antropologicamente, essa seria a divindade de culto na qual essa sociedade em questão manifesta a sua fé, onde a mesma realizou a troca do nome, de um Deus cristão, visando com isso tornar a Maçonaria mais ecumênica, para um elemento espiritual mais amplo e abrangente, assumindo uma

característica de divindade própria à Ordem, buscando atender de forma global os variados membros da sociedade, e se encaixando no que Durkheim descreveu e caracterizou como *"religião"*.

O que mostraremos agora é como verdadeiramente a Ciência da Religião aborda o conceito de *"religião"*, para uma elucidação a respeito desse debate que é a tentativa de conceituar ou não a Maçonaria como *"religião"*. O que, pelo menos para esse autor, parece algo desnecessário a tentativa de encontrar meios para negar a afirmação de impor um modelo conceitual e colocar a Ordem sob a característica de não ser uma *"religião"*.

Uma perda de tempo e queima de energia, principalmente por parte dos membros da Ordem maçônica, pois o conceito de *"religião"* visto atualmente em nada pode impactar ou, pelo menos, impor a Maçonaria qualquer tipo de conceituação a esse respeito, já que nem mesmo a Ciência da Religião oferece um conceito contundente e abrangente ao termo.

A CONCEITUAÇÃO DE RELIGIÃO PARA A CIÊNCIA DA RELIGIÃO

A palavra *"religião"* é como um labirinto. Perder-se-á nele quem não trouxer um fio na mão para se orientar. Logo após a entrada, encontramos ambiguidades (GRESCHAT, 2005, p. 17).

Daremos início a essa parte do estudo, com essa citação de Greschat, indicando a dura e difícil condição de se conceituar a palavra *"religião"*, quem dirá compreender o seu significado e a sua aplicação no contexto científico da Ciência da Religião.

Como disse Greschat, a possibilidade de perdermo-nos diante de uma tentativa de conceituar algo tão singular, nos levará com certeza, e pelo menos por enquanto, a não sermos bem sucedidos em nossa empreitada. Com isso, devemos entender que diante da dificuldade apresentada, sua interpretação está aberta a uma gama de pensamentos e visões divergentes do que se entende ou que venha a se entender como um fenômeno religioso ou mesmo como religião. Assim como também algo que porventura possa ser foco de interesse de estudo pela Ciência da Religião.

Dessa forma, o que será definido como objeto de estudo da Ciência da Religião e entendido como tal, não será a sua classificação como *"religião"* ou fenômeno religioso, mas o que desperte o interesse do cientista que o observa e estuda, identificando nele algo que o classifique dentre as diversas tentativas de se definir como tal ou seja, *"religião"*.

O conceito da palavra *"religião"* é uma denominação moderna, um constructo da civilização cristã, criado em oposição a secularização que crescia na Europa até alcançar seu auge no Iluminismo, firmando-se como um conjunto de crenças produzidas por clérigos e

unido a uma comunidade de culto (MARIANO, 2013, p. 232). E já no início do século XX, James Leuba já havia reunido e catalogado cerca de mais de cinquenta definições diferentes para *"religião"*, onde ele rejeitou a todas criando a sua.

De lá para cá, o número de tentativas em se conceituar *"religião"* só aumenta, em vista que cada estudioso da religião busca desenvolver e aplicar sua própria definição para o termo.

O próprio termo, *"religião"* não tem seu uso de forma uniforme e até mesmo a sua terminologia é motivo de controvérsias e algumas disputas, pois sua possível origem remonta da palavra latina *"religio"* que significa uma estrita observância, mas para os romanos representava a prática correta dos rituais que eram ofertados aos deuses. E para Smith (2006), essa tentativa de se explicar algo que não se consegue classificar de forma efetiva, sugere o abandono do termo.

> Neste caso, poder-se-ia argumentar que a própria incapacidade persistente de clarificar o sentido da palavra "religião" sugere que se abandone o termo, que se trata de um conceito distorcido que não corresponde realmente a algo definido ou distintivo existente no mundo objetivo. Os fenômenos que chamamos de religiosos existem sem dúvida, mas a noção de que constituem em si uma entidade distintiva talvez seja uma análise injustificada (SMITH, 2006, p. 29).

A palavra *"religião"* sempre foi usada sem precisão nenhuma (SMITH, 2006). Mesmo assim, a palavra latina *"religio"* está ligada a diversas culturas e línguas europeias, mas toda vez que os europeus escutam o termo, era associado de imediato a religião Cristã, surgindo com isso um impulso intelectual de transformar algo vago dando-lhe um sentido concreto e objetivo, o que mina ainda mais o sentido da palavra, restringindo o termo a uma única forma religiosa, como se essa religião específica, a Cristã, significasse a verdade em termos de *"religião"*, ou seja a verdadeira e única.

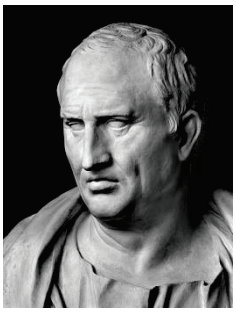
Ainda na sequência da origem latina da palavra, teremos outro termo, também derivado de *"religio"*, que designava aquela pessoa devota, zelosa em cumprir suas obrigações com os deuses, era o termo: *"religiosus"*.

Posteriormente, o termo iria ser usado para identificar as freiras e freis. Ou seja, aqueles que compunham ordens religiosas e, de certa forma, eram devotos a sua fé.

O termo em seu uso adjetivo apresentava uma representação maior em sentido e significado do que a palavra em sua acepção substantiva. Esta última, se perdia diante da sua subjetividade e ambivalência no sentido em que era usada.

> Dizer que uma coisa era religio para mim equivalia a dizer que era uma obrigação cumpri-la (alternativamente, não cumpri-la: encontram-se ambos os casos, como é

> comum acontecer com o "mana", "tabu", o santo, o sagrado). Juramentos, propriedades familiares, observâncias culturais e afins eram todos *religio* para uma pessoa, ou, revelando a ambivalência, poder-se-ia dizer também que quebrar um juramento solene é *religio*, ou seja, é tabu – poderíamos dizer, é sacrílego (SMITH, 2006, p. 29).



Por volta do século I E.C. e por influência da cultura grega, os romanos começaram a manifestar uma sofisticação que alimentaria a sua cultura em vistas de desenvolvimento intelectual. Será nesse cenário de crescimento e desenvolvimento que surge uma obra importante para o avanço do entendimento da origem da palavra *"religião"*: O poema De Natura Deorum, de Cícero.

Em seu tratado, Cícero descreve o termo *"religio"* como *"cultus deorum"*, onde ele evidenciava que o seu conceito se referia ao da prática correta do ritual. E ainda em Cícero, o poeta romano também faz uso do termo latim *"relegere"*, significando *"observar cuidadosamente"*, só que dessa vez, ele fez referência ao uso para explicitar uma *"sequência correta"* na prática dos rituais. Assim, segundo Hock (2006, p. 18), Cícero expressa em seu tratado a compreensão romana de religião, onde se trata em um teor de menor significância da crença e um foco maior na execução dos rituais.

Porém, essa origem da palavra presente nos textos de Cícero é a menos conhecida por boa parte das pessoas, sendo a que ganhou grande difusão e relevância no meio religioso, principalmente no Cristão, foi a de Lactâncio e Agostinho.

> Lactâncio, um escritor e orador do século III/IV, porém, indica outro significado: ele deriva *religio* de *religare* – ligar (amarrar), ligar de novo, ligar de volta, levar de volta. Mais tarde, o grande teólogo cristão Agostinho (354-430) adota essa definição e descreve a *religio vera*, a *"religião verdadeira"*, como aquela que é orientada pelo zelo de reconciliar e *"ligar de volta"* a alma que se afastou de Deus ou se desgarrou dele (HOC, 2006, p. 18).

A generalização do termo *"religião"* ganha a sua forma de expressão com a reforma protestante, onde passou a ser usado como elemento que desempenhou críticas a superstição e a magia. Fenômenos religiosos presentes nas religiões pagãs da Europa, que representavam manifestações religiosas a serem severamente combatidos pelo cristianismo.

Por outro lado, também eram usados para criticar e combater a ritualística praticada nos cultos da Igreja Católica, devido a sua proximidade com práticas de culto das religiões pagãs, principalmente a romana, que ao entendimento dos reformadores significava uma prática errada aos olhos de Deus.

Assim, tem início a generalização ao uso do termo *"religião",* se impondo aos poucos e ganhando ênfase com o Iluminismo, e em um primeiro momento, *"religião"* se torna uma palavra, de forma conceitual, que simbolizava as diversidades e as distintas religiões praticadas no mundo.

De forma geral, não há em outra cultura uma correspondência ao termo ocidental: *"religião"*.

> Mesmo o berço da cultura ocidental, a Grécia clássica, não conhece um termo que corresponda ao nosso termo religião: *eusébia* designa temor e respeito, porém não se dirigi apenas aos deuses, mas também a seres humanos (pessoas veneráveis) ou objetos (valores ou normas comprovados); *latreía* pode se referir a um serviço cúltico, mas em primeiro lugar designa um serviço prestado, num sentido muito geral e profano, e *threskéia* descreve um ato concreto no sentido do cumprimento de um mandamento (HOC, 2006, p. 18).

Essa afirmação também é defendida por Pieper (2019), já tendo sido citada, e piora quando procuramos correspondências ao termo *"religião"* nas manifestações linguísticas em culturas orientais. A palavra árabe que mais se assemelha é *dîn*, que significa: *acerto*. Ou seja, aquilo que se deve acertar com Deus, evocando algo muito diferente ao sentido que temos.

Em sânscrito o termo seria: *dharma*, significando *segurar* ou *carregar*, levando a um leque de possibilidades e variados sentidos como, principalmente, um *princípio ordenador do cosmo*, ou *Lei* em seu sentido ético e de conduta moral, o que também difere semanticamente do termo que possuímos.

Foi justamente o imperialismo da Inglaterra que levou diversos outros povos a reinterpretar suas tradições, porque há muito tempo, os europeus já conheciam outras culturas através de sua busca por especiarias, levando a essência do que eles entenderam por Hinduísmo, Budismo, Islã, Cristianismo, Taoismo e Confucionismo, dando-lhes a conceituação de entidades separadas do elemento cultural ao qual pertenciam, atribuindo-lhes o substantivo: *"religião"*, mesmo que o termo não descrevesse o que essas manifestações realmente significassem para essas culturas.

Então, podemos deduzir que o termo *"religião"* é uma criação moderna, mas que não tem uma significação objetiva e muito menos uma aplicabilidade prática na definição do que realmente pode-se entender como uma *"religião"*.

A dificuldade na conceituação leva ao entendimento de que é um termo que não define de forma precisa a manifestação de fenômenos culturais religiosos, levando esse autor a defesa do abandono do termo por não apresentar de forma clara uma conceituação objetiva.

Muito menos o termo apresenta uma significativa preocupação para com a conceituação da Maçonaria como tal. Ou seja, considerando-a como *"religião"*.

Assim como exposto, o termo não descreve significativamente o que ele se prontifica a representar, deixando o termo em uma conceituação vaga, o que também implicaria para uma falta de sentido ao se caracterizar a Maçonaria como uma *"religião"*.

CONCLUSÃO

Como demonstrado o termo *"religião"* não possui uma definição que realmente seja capaz de classificar as diversas manifestações religiosas existentes, e que, mesmo com os autores que se debruçaram na sua compreensão, acabam gerando definições que são abertas a diversas formas de interpretação, o que dificulta a conceituação como *"religião"* para qualquer forma de manifestação cultural e religiosa.

Com a Maçonaria não seria diferente. A sua conceituação como *"religião"* é tão frágil quanto as inúmeras tentativas de diversos autores membros da Ordem em tentar justificar que a Maçonaria não é uma *"religião"*, com uma discussão não representativa, e com uma falta de realidade objetiva dentro de conceitos acadêmicos que realmente possam trazer a luz do conhecimento uma resposta plausível e elucidativa à questão.

Nem os cientistas da religião conseguem uma definição para o que seja *"religião"*, então, porque seria fácil conceituar a Maçonaria como *"religião"*? E pior, qual a facilidade que há em se negar tal afirmação?

> Não há tal coisa como "religião", há apenas religiões, isto é, pessoas que se identificam como membros de um grupo religioso, cristão, muçulmano, etc. Uma ação ou um pensamento é religioso quando a pessoa implicada pensa que eles estão praticando sua "religião". Organizações são religiosas quando as pessoas envolvidas pensam que elas funcionam religiosamente [...] minha posição geral nessa discussão é que as pessoas são aquilo que elas acreditam que são (HINNELS, 2005, p. 06 apud PIEPER, 2019, p. 22).

Dessa forma, como podemos compreender se a Maçonaria é ou não uma *"religião"*?

A Maçonaria como sociedade será exatamente aquilo que ela quiser ser. Se ela não se identifica como *"religião"*, mesmo que contenha todos os elementos sociológicos e antropológicos para tal, não irá se identificar como "religião".

Isso porque diante de uma falta de objetividade do conceito, apenas podemos entender como uma sociedade quer ser compreendida através da própria sociedade.

Assim sendo, enquanto a Maçonaria não quiser ser vista como *"religião"*, a mesma não será *"religião"*.

REFERÊNCIAS

ARNAUT, António. **Introdução à Maçonaria**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ASAD, Talal. **A construção da religião como uma categoria antropológica**. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 201 Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/44990

BAUER, Alain. **O nascimento da franco-maçonaria**. São Paulo: Madras, 2008.

DE SOUZA, Ailton Elisiário. **Maçonaria e religião**. O buscador, Campina Grande, n 01, p 1 – 15, jan/jun. 2017.

FERREIRA, Mario. **Maçonaria Teísta ou Deísta**. E-Book Kindle. Conection. 2021. 143 p.

GOULD, Robert Freke. **História concisa da Maçonaria.** Tradução José Filardo. 2ª ed. São Paulo: [s.n.], 2023. 404 p. ISBN 978-65-00-69482-6.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?**. São Paulo: Paulinas, 2005.

HAYWOOD, H. L. **Part VII: freemasonry and the guild system**. In.: Pietre – Stones Review of Freemasonry. November 1923. Disponível em: http://www.freemasons-freemasonry.com/guild.html visitado. Acesso em 04/jun/2024.

_____. **Part IX: how operative masonry changed to speculative masonry: the period of transition**. In.: Pietre – Stones Review of Freemasonry. November 1923. Disponível em: http://www.freemasons-freemasonry.com/operative_speculative_masons.html visitado. Acesso em 04/jun/2024.

HOCK, Klaus**. Introdução à ciência da religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LOAËC, Ronan. **Mais qui est le Grand Architecte de l'Univers?.** revista Franc Maçonnerie. França. n 44. n/p. dez/jan. 2015. Disponível em: https://www.fm-mag.fr/article/focus/mais-qui-est-le-grand-architecte-de-lunivers-1079 acesso em: 18/06/2004)

LUZ, Marcelo da. **Onde a religião termina?** Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2014.

MARIANO, Ricardo. Sociologia da Religião e o seu foco na secularização in: PASSOS, João Décio, USARSKI, Frank (Orgs). **Compêndio de ciência da religião.** São Paulo: Paulus, 2013.

PIEPER, Frederico. **Religião: limites e horizontes de um conceito.** Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 33, n. 1, p. 5-35, jan-abr, 2019. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/9056/6836

RIES, Julien. **A ciência das religiões:** história, historiografia, problemas e método. Petrópolis: Vozes, 2019.

ROOS, Jonas. RELIGIÃO, FÉ E PREOCUPAÇÃO ÚLTIMA PARTIR DE PAUL TILLICH in: PIEPER, Frederico, ROOS, Jonas (Orgs). **Pensar Religião – temas e conceitos filosóficos contemporâneos**. São Paulo: Liber Ars, 2022

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Rito, mito e símbolo como fenômenos religiosos e sociológicos**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SMITH, Wilfred Cantwell, **O sentido e o fim da religião.** São Leopoldo: Sinodal, 2006.

THEODOR, H. **Maçonaria, Religião e Religiosidade**. E-Book Google Play livros. Clube de Autores, 2019. 64 p.

USARSKI, Frank, TEIXEIRA Alfredo, PASSOS, João Décio (Orgs). **Dicionário de ciência da religião**. 1 ed. São Paulo: Paulinas;Loyola;Paulos. 2022.

NOTÍCIAS EM DESTAQUE

POSSE NO IHGMG

Parabéns ao acadêmico Flávio Antônio Silva Augusto pela sua posse no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, acontecida em sessão solene, das mais concorridas, no último dia 8 de março.

MEDALHA DA INCONFIDÊNCIA

Felicitações ao Ilustre Confrade Itamaury Teles de Oliveira pela distinção da Medalha da Inconfidência, em 21 de abril de 2025, em Ouro Preto/MG

GALERIA DOS EX-PRESIDENTES DA AMML – Inaugurada em 1º.04.2025

DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO DE DESBRAVAMENTO

Na solenidade de lançamento do livro "Antologia Acadêmica" e posse dos novos membros da Academia de Letras, História e Genealogia da Inconfidência Mineira, nosso Presidente José Luiz Ribeiro de Melo foi agraciado com o Diploma de Honra ao Mérito de Desbravamento, outorgado pela Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira, em reconhecimento pelos seus relevantes serviços prestados àquela Instituição.

Imagem: Facebook

PALESTRA SOBRE MARIA DA CRUZ – A HEROINA DO SERTÃO

Na última sessão do Plenário neste trimestre tivemos a honra da visita da Dra. Beatriz Coelho de Morais de Sá, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais que proferiu brilhante palestre em defesa de Maria da Cruz, Heroína do Sertão como uma das efetivas participantes da Inconfidência Mineira que, mesmo distante de Vila Rica abraçou a causa da conjuração, inclusive foi presa, julgada e condenada ao degredo, tendo seus bens confiscados como o foram daqueles que idealizaram movimento libertário das Minas Gerais do domínio lusitano.

Na próxima edição, a Revista Libertas publicará integralmente a palestra da ilustre historiadora mineira, em apoio à sua tese de reconhecimento de Maria Cruz como uma inconfidente, mais uma mulher no pedestal dos heróis nacionais.